

Naísa Gécida Alves Santos

Perfil e contexto profissional de revisores de texto autônomos de Belo Horizonte



Belo Horizonte
FALE/UFMG
2020

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Maria Coelho

Coordenadora

Emília Mendes

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Ana Cláudia Dias Rufino

Diagramação

Ytalo Felype Andrade Ferreira

Revisão de provas

Aline Almeida

Ytalo Felype Andrade Ferreira

ISBN

978-65-87237-01-5 (digital)

978-65-87237-00-8 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/labed

Sumário

- 05** **Considerações iniciais**
- 09** **O profissional revisor de textos**
- 31** **A pesquisa de campo**
- 35** **Análise de dados: realidade profissional em
Belo Horizonte**
- 81** **Considerações Finais**
- 83** **Referências**
- 85** **Sugestões de leitura**

Considerações iniciais

Na era da informação em que vivemos, cada vez mais se tem exigido maior velocidade na produção de conteúdos escritos. Para além do crescente volume de publicações, dos mais variados gêneros, os textos literários, jornalísticos, acadêmicos, didáticos, institucionais, técnicos e de toda sorte devem prezar a qualidade para que alcancem seus objetivos de comunicação, e é a busca pela excelência que leva à contratação de revisores de texto. Responsável pelo trabalho lapidar de aprimorar a escrita de outrem, ao revisor não basta dominar as normas vigentes da língua ou dos manuais de estilo, é preciso garantir clareza ao texto e ter versatilidade para atender às peculiaridades de cada demanda, sobretudo considerando a função social da publicação a ser trabalhada.

Não obstante a importância desse profissional, o que se nota é a dificuldade de seu reconhecimento no mercado, principalmente por não haver órgão oficial que responda por sua atividade. Assim, faltam-lhe orientações sobre como orçar seus serviços, definir os prazos adequados para atender a demandas específicas ou mesmo para delimitar as funções que lhe cabem em cada trabalho a ser realizado, haja vista as fusões atuais das tarefas exigidas desses profissionais (revisão textual, formatação, diagramação, edição de texto etc.), por vezes, os únicos contratados para todo o tratamento do texto antes da publicação.

Todas essas dificuldades se intensificam para o profissional revisor de textos que atua de forma autônoma, pois, sem apoio

de um sindicato ou órgão que apresente parâmetros de atuação, a falta de dados mercadológicos para a negociação diretamente com autores/editoras/publicadores pode levá-los a se submeter a baixos preços e prazos inábeis de realização dos trabalhos. Tudo isso implica que grande parte dos revisores autônomos realize sua atividade de modo informal, o que fomenta a não regulamentação da profissão – uma vez que os dados sobre essa prestação de serviços ficam perdidos.

Nesse sentido, revisora de textos desde 2010 e amante de sua escolha profissional, a pesquisadora deste estudo se desafiou a, após estes anos de prática, debruçar-se em reflexão acadêmica sobre sua profissão, em busca de contribuir para a descrição da realidade atual. Considerando que a área de editoração é um campo de exploração recente no Brasil, na comparação com países que têm tradição nesses estudos, primeiramente buscou-se apresentar como o revisor de textos é descrito em algumas obras de referência nacional, tendo sido identificada a divergência de funções atribuídas a esse profissional nas diferentes obras.

Na sequência, buscou-se levantar dados que possam contribuir para o entendimento da realidade do profissional revisor de textos com base em sua prática e suas próprias percepções sobre a atividade, a partir da análise de dados colhidos por meio de questionário eletrônico respondido por esses profissionais. Delimitou-se essa pesquisa de campo aos revisores de texto autônomos atuantes em Belo Horizonte, mercado no qual a pesquisadora está inserida como revisora autônoma desde 2014. A escolha pelos profissionais autônomos se deveu à necessidade de levantamento de dados mercadológicos e técnicos dessa atividade em prol de descrever parâmetros de sua atuação.

Levando em conta que, para expandir suas possibilidades de atuação e desenvolver-se profissionalmente, a alternativa encontrada pelos revisores de textos é comumente a troca de experiência com outros profissionais da área, o objetivo geral da pesquisa de campo foi o levantamento de dados que possam servir de amostra sobre

6 . Perfil e contexto profissional de revisores de texto autônomos...

a realidade do mercado belo-horizontino. Assim, foram descritos o perfil e as condições de trabalho desses profissionais com base em dados fornecidos voluntariamente ao responderem ao questionário digital elaborado nesta pesquisa.

Este estudo, portanto, caracteriza-se como pesquisa exploratória,¹ uma vez que envolveu análise bibliográfica, para contextualização histórica e fundamentação teórica sobre a profissão aqui estudada, e aplicação de questionário a profissionais atuantes na área explorada, para descrição da realidade atual quanto à prática. A primeira parte, então, diz respeito à análise de obras de referência, notadamente, manuais de editoração, para depois partir-se para o exame dos dados coletados na pesquisa de campo.

¹ GIL, *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 1994.

O profissional revisor de textos

Mesmo não sendo possível indicar uma data para o surgimento do profissional revisor de textos, é inegável que a função de corrigir textos acompanha a história da editoração, tendo se transformado ao longo do tempo. Rocha vai ainda mais longe ao relacionar a revisão à evolução mesmo da escrita, como intervenção profissional no texto do outro:

[...] certo é supor-se que seu surgimento deu-se a partir do momento em que o homem fez seus primeiros registros como uma tecnologia historicamente criada de interação, não importando o suporte empregado – paredes de cavernas, argila, osso, papiro, tábua, papel – e a consequente intervenção do interlocutor (revisor e/ou leitor) como aquele capaz de interagir com o texto com possibilidade de mudá-lo.²

Aqui, buscando-se a descrição das tarefas assumidas pelo revisor de textos nos dias atuais, identificaram-se divergências quanto às designações desse profissional em função dos processos assumidos por ele na produção editorial. Buscando esclarecer, portanto, quem são os profissionais estudados nesta pesquisa, são apresentadas uma breve retomada histórica, com explicações sobre os contextos que levaram à especialização da revisão de textos no fluxo editorial; e uma descrição de como os estudos editoriais

² ROCHA, *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*, 2012, p. 35. Harrison da Rocha dedicou sua tese de doutorado em Linguística, pela UnB, à revisão de textos em uma perspectiva discursiva.

reconhecem esse profissional, responsável por divergentes funções, a depender da perspectiva abordada pelos autores dos estudos.

Breve retomada histórica

Emanuel Araújo,³ em *A construção do livro*, afirma que, desde o século IV a. C., quando os livros e seu comércio começaram a se desenvolver no Ocidente, surgiram funções específicas relacionadas a produção de livros: os especialistas em pintar letras capitais, os livreiros, além dos copistas, responsáveis pela transcrição manuscrita das obras. Estes, por falta de normas que guiassem seu trabalho em prol da uniformidade dos textos, acabavam por adotar critérios arbitrários quanto a um padrão considerado ideal, e, assim, surgiam múltiplas variantes de cópias de um mesmo original.

Já entre o século XII e o XV, duas novidades chinesas introduziram-se na Europa para mudar determinadamente a produção de livros: o papel e a xilogravura. À esta, que também usava o recurso de relevo para imprimir – porém, com caracteres entalhados em um bloco de madeira – sucedeu a tipografia de Johannes Gutenberg, que utilizava letras soltas e, conseqüentemente, móveis, de metal, podendo ser trocadas e reutilizadas.⁴ Segundo Antônio Houaiss,⁵ a “necessidade de uniformização da mensagem manuscrita, dificultada pela participação de grande número de escribas, levou à mecanização, à invenção dos tipos móveis e à impressão das matrizes”. Esta nova técnica aliada ao novo material empregado, o papel, permitiram a produção de livros

³ ARAUJO, *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*, 2008, p. 38.

⁴ O primeiro livro impresso pelo novo sistema de Gutenberg foi a Bíblia, datada de 1455 (COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 20).

⁵ HOUAISS, *Preparação de originais II*, 1981b, p. 68.

mecanicamente, mudança que acabaria por desbancar a produção de manuscritos.

De acordo com Araújo,⁶ a partir da tipografia de Gutenberg, surgiu uma nova atividade no campo editorial: a do impressor. Ainda de acordo com o autor, cabiam-lhe funções além de imprimir textos:

Ora, os pioneiros do livro impresso foram, na realidade, mais do que simples “tipógrafos” ou “impressores”, na medida em que tiveram de buscar elementos destinados a facilitar a leitura, substituindo a riqueza intrínseca dos manuscritos por uma qualidade diferente, a da paginação. Nesse sentido, além de tipógrafos, eram também editores, responsáveis pela normalização do texto e pelo conjunto da obra que imprimiam.⁷

Se os copistas deixavam emergir erros, também o faziam os impressores. Assim, levando-se em conta que o objetivo primeiro da mecanização era evitar a grande incidência dos erros dos manuscritos e o significativo número de variantes de uma mesma obra, não se pode afirmar que os impressores lograram total êxito, pelo contrário, eram recorrentes os “acidentes de impressão”:

E quanto mais se recua na história da tipografia, iniciada na década de 1450, mais se verifica que a ambicionada uniformidade de reprodução do texto, ainda que parcialmente livre de erros e transcrição, se achava submetida a frequentes e inquietantes *acidentes de impressão*, de modo que uma página, linha, palavra, letra, podia sair diferente das outras em exemplares distintos.⁸

Além dos problemas gráficos, foi nessa época, segundo Arezio, que

constantes divergências de crenças religiosas e a falsa interpretação dos textos sacros deram lugar a discussões e controvérsias. Daí a necessidade de formarem um *corpo de revisão, entre os homens de maior fama intelectual e erudição comprovada*, para fazerem a correção ou revisão dos manuscritos

⁶ ARAUJO, *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração, 2008.

⁷ ARAUJO, *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração, 2008, p. 46.

⁸ ARAUJO, *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração, 2008, p. 47. (grifo nosso).

antigos, dando-lhes nova forma, alterando-lhes os períodos, de modo que as subsequentes edições saíssem isentas de senões.⁹

Assim, para Coelho Neto,¹⁰ os primeiros revisores surgiram com o desenvolvimento da indústria da impressão tipográfica, pois “a prática de emendar (corrigir) textos a partir de provas no prelo – de prensa ou rolo – abriram campo para profissionais encarregados de acompanhar os autores na leitura de provas”.¹¹ Precursores dos atuais revisores de texto, segundo o autor, esses profissionais tinham grande preparo intelectual e eram os tipógrafos “mais inteligentes e mais eruditos”,¹² de modo que os impressores que mais se preocupassem com a revisão tipográfica adquiriam fama pelas edições corretas.

Portanto, pode-se afirmar que, “fugindo-se da tradição manuscrita, em que uma só pessoa se encarregava de normalizar e transcrever o original”,¹³ a mecanização da produção de livros promoveu a segmentação do fluxo editorial, exigindo a especialização de variados profissionais do texto. Esse processo, porém, não foi imediato, e no início “confundiam-se as tarefas do revisor tipográfico, do preparador de originais e do filólogo [...], o que praticamente perdurou até a Revolução Industrial, quando, na Europa, passaram a distinguir-se as várias tarefas”.¹⁴

Para Marisa Midori Daecto,¹⁵ que prefacia a obra *Manual de editoração e estilo*, de Plínio Martins Filho,¹⁶ a reprodução mecânica do livro exigiu novos níveis de profissionalização e de padronização. Daecto afirma que, a partir da tipografia, “a publicação de textos

⁹ AREZIO, *Revisão de provas tipográficas*, 1925, p. 10 *apud* COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 23. (grifo nosso)

¹⁰ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013.

¹¹ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 24.

¹² COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 24.

¹³ ARAUJO, *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*, 2008, p. 47.

¹⁴ ARAUJO, *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*, 2008, p. 363.

¹⁵ “Docente do departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo. Professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. [...] Graduada em História pela FFLCH-USP, onde obteve os títulos de mestre (2000) e doutora (2006) em História Econômica.” Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/peessoas/pasta-pessoam/marisa-midori-deaecto>>. Acesso em: 18 maio 2018.

¹⁶ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016.

12 . Perfil e contexto profissional de revisores de texto autônomos...

eruditos se torna uma atividade colegiada, com ampla participação de especialistas em diferentes fases de construção do livro”: para seleção do manuscrito, decisões de ordem estética (escolha de tipos/fontes, quadratura da página e do formato do volume), até intervenções de natureza editorial, “ou seja, a inserção de paratextos, a hierarquização das informações e, claro, a revisão do exemplar impresso”.¹⁷

Foi nesse contexto que a divisão de tarefas determinou a designação de diferentes profissionais da edição, entre os quais o revisor de textos, ao qual, porém, os estudiosos relacionam diferentes funções. Nesse sentido, discutem-se a seguir as tarefas e as distintas designações relacionadas ao profissional estudado nesta pesquisa.

Revisor de provas, preparador de originais, copidesque

Quanto ao processo industrializado de editoração de livros, Ildete Oliveira Pinto¹⁸ afirma, em *O livro: manual de preparação e revisão*, que

[...] costuma-se dividi-lo em três momentos: o pré-industrial, o industrial e o pós-industrial. O pré-industrial consiste na busca, seleção, contratação e nas adequações dos originais para publicação; o industrial é a fase de composição, impressão e acabamento; e o pós-industrial diz respeito a todos os aspectos relacionados à comercialização do livro.¹⁹

Em tal obra, Pinto²⁰ propõe-se a descrever e orientar sobre os procedimentos de preparação e revisão de textos, tarefas que distingue expressamente, conforme apresenta no subtítulo de sua obra. Para tanto, usa a divisão industrial descrita para localizar esses procedimentos no fluxo editorial: a preparação é etapa classificada por esse autor dentro da fase pré-industrial, ou seja, desempenhada antes da composição (diagramação ou tratamento gráfico) do texto; por sua vez, a revisão ocorre na fase industrial, depois de o texto ser

¹⁷ DAECTO, Prefácio, 2016, p. 12.

¹⁸ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993.

¹⁹ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 9.

²⁰ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993.

composto e antes de ser finalmente impresso, correspondendo, nessa obra, assim, à revisão de provas.

No que tange à expressão *preparação de originais*, de acordo com Pinto,²¹ designa “as atividades relativas à adequação do texto que dizem respeito à organização, normalização e revisão dos originais”.²² Com base nesse conceito, o autor afirma que “o profissional encarregado de executar essa adequação é chamado [na obra em questão] genericamente de preparador de texto”.²³ Quanto à normalização, o autor afirma que se trata da fase de “aplicação de normas linguísticas e editoriais ao texto”, de modo que “o original seja submetido pelo menos a uma correção ortográfica e de sintaxe” e conte com uma “apresentação racional e uniforme”.²⁴ Além disso,

O texto deve apresentar exatidão nas informações históricas ou factuais, nas datas, nos números, nos nomes de pessoas e de coisas, bem como nas citações de qualquer tipo: de língua portuguesa ou estrangeira, de textos arcaicos cuja fidelidade ortográfica precise ser mantida, de textos legais, etc.²⁵

O autor passa, então, a apresentar as normas que devem ser usadas quanto a variados aspectos, como pontuação, regência, uso de letras maiúsculas, nomes próprios, numerais, siglas, citações, entre outros, antes de partir à atividade a que chama revisão. Inicia a descrição desta fase editorial afirmando que a “palavra *revisão* tem em si grande carga de significações”, mas que, no manual em questão, refere-se “à revisão de provas”.²⁶

Nessa perspectiva, o chamado “revisor de provas [posteriormente, nessa obra, designado apenas *revisor*] teria por incumbência o cotejo da prova com o original sem compromisso com o conteúdo

²¹ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 10.

²² Sobre a revisão de originais, o autor afirma que “ocorre antes da composição, e a revisão de provas se dá na fase industrial, ou seja, depois de o texto ter sido composto” (PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 10). O profissional a realizar a primeira revisão (de originais), portanto, ele designa preparador, e não revisor.

²³ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 10.

²⁴ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 11.

²⁵ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 10.

²⁶ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 127. (grifo nosso).

do texto e limitado apenas aos erros tipográficos”.²⁷ Portanto, nesse manual, chama-se *revisor* o profissional encarregado tão somente da conferência das provas – versões do texto já composto ou diagramado, ou seja, após serem aplicadas as decisões gráficas ou o tratamento visual – com os originais, processo que ocorre em subseqüentes versões antes que o texto seja impresso.

Analisando essa obra de Pinto,²⁸ Ribeiro afirma que, para aquele autor, “as tarefas do revisor são claramente mais detalhistas e discretas do que as do preparador, este sim, o profissional a quem se permite a intervenção no texto sem tratamento gráfico, quase em contato com as mãos do autor”.²⁹ Desse modo, fica claro em Pinto³⁰ que as tarefas do preparador de originais são mais amplas que a do revisor, que se limita à função de inspetor a identificar “infidelidades” na comparação de provas com o original.³¹

Plínio Martins Filho e Marcello Rollemberg,³² em *Edusp: um projeto editorial*, por sua vez, ao descreverem como ocorre os processos de editoração, embora também distingam as fases de preparação de originais e revisão de provas, oscilam ao designar os profissionais responsáveis por aquela fase. Para os autores,

A “preparação de texto” é todo um conjunto de trabalhos editoriais como revisão de estilo, revisão ortográfica, normalização e marcação – enfim, todos os passos que colocam o original em condições adequadas para sua transformação em livro.³³

Os autores chamam especial atenção para a importância dos manuais de estilo das editoras nessa fase, cuja função, segundo eles, é “orientar a preparação dos originais sob determinados critérios que

²⁷ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993, p. 127.

²⁸ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993.

²⁹ RIBEIRO, *Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*, 2016, p. 22.

³⁰ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993.

³¹ RIBEIRO, *Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*, 2016, p. 20.

³² MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, *A preparação de textos; Revisão de provas*, 2001.

³³ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, *A preparação de textos; Revisão de provas*, 2001, p. 85.

imprimam unidade e coerência ao texto, conferindo-lhe uniformidade global”.³⁴ Nesse sentido, eles afirmam que é “o editor ou preparador de textos a pessoa encarregada de dar unidade e coerência ao texto final”.³⁵ Mais à frente, ainda no capítulo “A preparação de originais”, afirmam que “o grau de interferência do *revisor de texto*, principalmente quando envolver a questão de estilo, deve ser proporcional à finalidade intrínseca de cada texto”.³⁶

A exemplo dos trechos citados, os autores não distinguem conceitualmente editor, preparador de textos e revisor quando descrevem a fase de preparação de originais. Aliás, os autores indicam que esta fase, além da normalização, envolve “revisões”, no plural: “a revisão de estilo e a ortográfica”.³⁷ Os autores, portanto, também incluem o termo *revisor* para designar o profissional que participa dessa fase, incluindo nela mais de um procedimento a que também chamam “revisão”.

Além do mais, *o editor ou preparador* deve, antes de tudo, ter uma atitude de respeito pelo texto alheio e evitar reescrever o original, mesmo que não goste do estilo do autor. Algo assim só pode ser feito com autorização explícita do criador do texto. E uma coisa nunca deve sair da mente do *revisor*, por mais que pareça óbvia: nunca se deve alterar um texto sem absoluta segurança e certeza do que se está fazendo.³⁸

De forma mais abrangente que Pinto,³⁹ ao tratarem do revisor de provas, esses autores afirmam que seu papel vai além da conferência, “ele deve verificar também se a composição está de acordo com as normas estéticas exigidas pelo projeto gráfico, cuidando dessa forma que o livro publicado apresente harmonia entre o texto e o conjunto gráfico”.⁴⁰ Além de ter boa base de conhecimentos técnicos de composição gráfica, segundo os autores, esse profissional deve ter bom

³⁴ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 85.

³⁵ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 86.

³⁶ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 87. (grifo nosso)

³⁷ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 87.

³⁸ MARTINS FILHO, ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 86. (grifos nossos).

³⁹ PINTO, *O livro*: manual de preparação e revisão, 1993.

⁴⁰ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 89.

grau de instrução, uma boa cultura geral, e “o que mais se exige dele é um ótimo conhecimento em ortografia e gramática”,⁴¹ compreendendo-se, pois, que cabe a esse profissional também identificar inadequações linguísticas que tenham passado despercebidas na fase de preparação.

Os autores ainda orientam que as publicações devem se submeter a no mínimo três revisões de provas e, de preferência, por revisores diferentes, já que cada um “tem mais aptidões e facilidades para encontrar determinados tipos de erros”.⁴² Assim, os autores descrevem as atividades do revisor de provas como menos mecânicas do que a forma apresentada por Pinto,⁴³ incluindo a preocupação com o aspecto visual do texto no conjunto gráfico, uma vez que é o profissional que lida com a versão já composta/diagramada.

Mais recentemente, em *Manual de Editoração e Estilo*, Plínio Martins Filho⁴⁴ retoma algumas das descrições apresentadas na obra anteriormente citada. A comparação é interessante porque, na obra mais recente, o autor afirma que “com o original completo e estruturado, inicia-se a segunda fase da edição do livro: a *revisão do original*, também chamada de preparação de texto”.⁴⁵ Além de apresentar, então, como sinônimas as duas expressões para a mesma fase da edição, o autor também amplia a descrição das atividades que a compõem:

Em nível crescente de dificuldades, essa etapa envolve a normalização, a revisão ortográfica, a revisão de estilo (da escrita), a revisão técnica e a marcação do texto para sua futura composição/diagramação, momento no qual se indicam diferentes características gráficas (títulos, subtítulos, citações, notas, bibliografia, enumerações, figuras, tabelas, quadros, exemplos e o que mais

⁴¹ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 89.

⁴² MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, A preparação de textos; Revisão de provas, 2001, p. 90.

⁴³ PINTO, *O livro: manual de preparação e revisão*, 1993.

⁴⁴ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016.

⁴⁵ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016, p. 151. (grifo nosso).

houver), a fim de facilitar o projeto editorial; trata-se, enfim, dos passos que colocam o original em condições adequadas para ser transformado em livro.⁴⁶

Quanto a essa fase da editoração, Martins Filho afirma que, por melhor que esteja o original, sempre haverá “a necessidade de realizar alguma interferência por parte de quem *prepara/revisa* o texto, seja para corrigir erros ortográficos, normalizar ou mesmo fazer determinadas marcações com o objetivo de esclarecer a estruturação do texto”.⁴⁷ Nesse sentido, o autor apresenta um profissional designado *revisor*, que é responsável pela preparação de originais – agora também chamada de revisão de originais –, o qual assume, além do trabalho com o conteúdo textual (revisões ortográfica e de estilo, conforme enumera), a normalização e a indicação de marcações que orientam o tratamento gráfico, conforme citado. “Sua tarefa principal é facilitar a vida do leitor, dando unidade e clareza não só às ideias, mas ao livro como um todo, dando-lhe, enfim, consistência.”⁴⁸

Do mesmo modo, Aristides Coelho Neto,⁴⁹ em *Além da revisão: critérios para revisão textual*, apresenta um revisor profissional que assume múltiplas tarefas. Quanto à revisão textual, afirma que, quando feita de modo consciente, detalhista, competente, “o conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos erros ortográficos, aos erros conceituais, enfim, aos deslizes praticados pelo autor”.⁵⁰ Entretanto, as funções do revisor, para esse autor, não se referem apenas ao conteúdo:

Quanto mais preparado estiver o revisor, mais “catástrofes” poderão ser evitadas, sem mencionar o aprimoramento que se obtém na apresentação gráfica. Em resumo, a *vivência profissional do revisor poderá influir tanto na forma*

⁴⁶ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016, p. 152.

⁴⁷ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016, p. 152. (grifo nosso).

⁴⁸ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, *A preparação de textos; Revisão de provas*, 2001, p. 87.

⁴⁹ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013.

⁵⁰ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 58.

quanto no conteúdo da publicação. É o revisor capacitado e experiente indo além da revisão, passando pela chamada preparação de originais.⁵¹

É interessante também o fato de que esse autor atribui àquele que nomeia *revisor* as tarefas com o texto já diagramado, ou seja, apresenta a possibilidade de que a revisão de originais e a revisão de provas sejam desempenhadas pelo mesmo profissional. Assim, cita que são atribuições do revisor:

- *Revisar originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos)* aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrandos, doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições⁵² etc.

- Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar, em tais casos). É a chamada revisão técnica.

- Revisar textos a serem disponibilizados na internet.

- Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada).

- Proceder a quantas revisões foram acordadas com o cliente.⁵³

Destaca-se a semelhança de os dois últimos autores comentarem sobre os diferentes níveis de intervenção no texto. É nesse sentido que apresentam a atividade de copidesque, termo que surgiu no meio jornalístico, mas é aplicado também à editoração de outras espécies de textos. Segundo o *Dicionário essencial de comunicação*,

⁵¹ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 58. (grifo nosso).

⁵² É importante comentar que, embora Coelho Neto afirme que o revisor experiente pode assumir a preparação de originais como um todo, sugere que “tanto melhor que a preparação de originais seja trabalho de pessoa ou equipe específica para esse fim” (COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 58). Essa sugestão justifica que, na primeira atribuição listada para o revisor, o autor cite revisar “originais aprovados por preparadores de textos”. O autor, porém, prescinde de detalhar quais funções considera comporem o que chama de “preparação de originais”.

⁵³ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 59. (grifos nossos).

o termo, do inglês *copy desk*, designa originalmente “a mesa ao redor da qual sentam-se os reescrevedores (*rewriters*), os reledores (*copyreaders*) de matérias, preparando-as para publicação”; assumiu, posteriormente, as acepções de “redação final, melhorada, de uma matéria jornalística, ou de qualquer texto escrito”, ou, ainda, “redator (ou corpo de redatores) que realizam esse trabalho”.⁵⁴

De acordo com Martins Filho, “o grau máximo de interferência do preparador, quando trechos inteiros do original são reescritos, recebe o nome de copidesque”.⁵⁵ Como exemplo, ele cita o trabalho do preparador/revisor realizado em textos de autores estrangeiros que escrevem português com dificuldade ou mesmo “quando são feitas modificações nas características do texto, como na transformação de uma dissertação ou tese em texto de leitura mais abrangente, acessível a leitores não especializados”.⁵⁶

Para fazer copidesque de um texto, o grau de discernimento que se exige do preparador, principalmente no que diz respeito a conhecimentos textuais, estilísticos, discursivos e pragmáticos, é muito alto, e seu entrosamento com o autor – e a confiança deste naquele – é absolutamente necessário. A responsabilidade do preparador, quando há necessidade de copidesque, é geometricamente multiplicada.⁵⁷

Este autor, portanto, considera a atividade de copidesque uma das possibilidades de trabalho do preparador/revisor, a depender da necessidade de maiores intervenções no texto. Do mesmo modo, para Coelho Neto, há textos “ricos em conteúdo, mas que não resistem a uma análise acurada. É nessa hora que o revisor (ou o copidesque) tem de exhibir o seu conhecimento de leitura, de cultura geral, e sua habilidade na produção de texto, conferindo clareza ao trabalho”.⁵⁸ Assim, afirma este autor que “a atividade de copidesque é mais complexa que a de

⁵⁴ RABAÇA; BARBOSA, *Copidesque*, 2014, p. 59.

⁵⁵ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016, p. 173.

⁵⁶ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016, p. 173.

⁵⁷ MARTINS FILHO, *Manual de editoração e estilo*, 2016, p. 173-174.

⁵⁸ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 136.

revisão”,⁵⁹ destacando que há diferença entre elas, embora, conforme a citação apresentada, possam ambas ser realizadas pelo profissional revisor.

No mesmo sentido, enfim, sobre a atividade de copidesque, Rocha sentencia:

As transformações realizadas no texto pelo copidesque podem ser efetivadas por revisores – todo revisor é um copidesque e vice-versa, pois a linha que separa as duas atividades é tênue. De outra parte, pensar-se a Revisão de Texto como algo menos complexo que a copidescagem pode ser derivado de uma visão reducionista de que a Revisão tem apenas como objeto o cotejamento (conferência, checagem de “mancha gráfica”) do original com a prova ou a preocupação apenas com questões gramaticais, modalidade padrão, de escrita.⁶⁰

É imprescindível destacar, no entanto, que os variados níveis de intervenção devem se limitar ao necessário à inteligibilidade do texto, de modo que o revisor evite alterar o estilo ou mesmo deturpar as intenções comunicativas do autor. De acordo com Martins Filho e Rollemberg, “o grau de interferência no original por parte do preparador depende do tipo de material que ele tem pela frente e é praticamente impossível chegar-se a um consenso que fixe critérios ideais e universais de normalização”.⁶¹ Essa observação vale mesmo para modificações que, inicialmente, pareçam simples, conforme afirma Houaiss em *Elementos de bibliologia*:

Com efeito, quando a interpretação de um texto, de um excerto, de uma passagem, de um vocábulo, de uma vírgula, pode ser a chave para a elucidação de um pormenor que, por seu alcance, pode repercutir na visão de conjunto que se tem de um problema, uma mera vírgula, uma omissão ou deformação vocabular e, com mais razão, uma adulteração, uma lacuna, uma alteração no texto são de enorme relevo e importância.⁶²

⁵⁹ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 136.

⁶⁰ ROCHA, *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*, 2012, p. 35.

⁶¹ MARTINS FILHO; ROLLEMBERG, *A preparação de textos; Revisão de provas*, 2001, p. 86.

⁶² HOUAISS, *Elementos de bibliologia*, 1983, p. 200.

É nesse sentido que, de forma unânime entre os estudiosos da editoração citados aqui, destaca-se a necessidade de o revisor de textos indicar marcações de alteração para que o autor as aprove ou não. Afinal, é preciso ter consciência de que, nas palavras de Houaiss, sendo “o autor o árbitro, qualquer alteração que lhe for proposta ou que, no escuro, ele permitir que se faça, *ipso facto*⁶³ é uma alteração que passa a ser incorporada à autoria dele”.⁶⁴

No *Glossário de termos de edição e tradução*, fica claro, no fim do verbete *Revisão*, o alerta sobre os limites das intervenções:

A revisão consiste em um processo de grande cuidado, por isso o revisor precisa ter bom conhecimento dos princípios e técnicas editoriais e suas aplicações, mas, além disso, é preciso que ele conheça bem o tipo de material que possui em mãos e estabeleça, sempre que possível, o diálogo com autor. O revisor deve saber o limite de suas intervenções, encontrando o ponto exato em que o texto precisa ser modificado, mas, sobretudo, o ponto em que suas interferências precisam cessar, a fim de que a essência do texto seja garantida.⁶⁵

Por fim, para que decida sobre a conveniência das intervenções, o revisor deve ter em mente que, como leitor privilegiado, capaz de aprimorar o texto antes que seja publicado, deve compreender o que está escrito, de modo contrário, será improvável que os futuros leitores o façam. Nesse ponto, a interação com o autor/editor é fundamental em caso de trechos cuja interpretação não está clara.

A boa capacidade de duvidar é também fundamental, sem reprovação de consequentes consultas a dicionários, gramáticas e manuais de língua e normalização. [...] Dúvidas e controvérsias podem afetar o revisor. É bom que ele se sinta afetado por elas. Faz parte do trabalho duvidar e investigar. Oferecer não apenas a solução mais fácil, mas também a reflexão.⁶⁶

Tudo isso posto, é inegável a grande quantidade de habilidades exigidas do revisor de textos atualmente, principalmente devido

⁶³ Essa expressão latina significa “por isso mesmo”.

⁶⁴ HOUAISS, *Preparação de originais I*, 1981a, p. 52.

⁶⁵ QUEIROZ, *Glossário de termos de edição e tradução*, 2008, p. 22.

⁶⁶ RIBEIRO, *Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*, 2016, p. 26-27.

à versatilidade necessária para lidar com os mais variados gêneros textuais e tipos de publicação, multiplicados à medida que novos recursos tecnológicos surgem. Atribuir toda essa variedade de funções ao revisor, no entanto, parece ser um processo que já vem ocorrendo nas últimas décadas, não tendo passado despercebido por Antônio Houaiss⁶⁷ em *Editoração hoje*. O autor sugere estar havendo uma retomada da indistinção de profissionais na editoração, ou seja, o acúmulo de funções, como ocorria nos primórdios da história do livro.

Admitamos a hipótese de sermos um profissional cujo nome, através dos tempos, tem sido nobremente de revisor. Não nos esqueçamos de que, hoje em dia, na técnica da editoração, talvez esteja, como termo, circunscrito só aquela pessoa que, após um certo tipo de composição, faça cotejo entre o original que serviu para a composição e a composição propriamente dita, a fim de ver se a composição foi feita com observância desse original.⁶⁸ Mas, através dos tempos, o termo revisor significou realmente todo aquele que acompanhou o processo de preparação dos originais desde o momento em que o autor, os autores [...], a entidade autoral, o indivíduo autoral entregou esses originais a essa pessoa, que passou então a fazer, sobre ele, todo um conjunto de preparações prévias que condicionassem a sua entrega em condições idealmente tão perfeitas, que a obra impressa seria tanto melhor na medida em que fossem observados os requisitos formais dos originais assim preparados.

Esse conceito recua um pouco no tempo e então abarca o de editor no sentido primitivo da palavra, no sentido que perdura em inglês⁶⁹ e que foi perdido na língua portuguesa, havendo hoje em dia a tendência a recuperá-lo.⁷⁰

Apresentadas, portanto, as variadas funções que podem assumir o revisor de textos, conclui-se que, ao pesquisador que se propuser a investigá-lo, é imprescindível compreender as diferentes designações relacionadas a esse profissional nos estudos sobre

⁶⁷ HOUAISS, Preparação de originais II, 1981b.

⁶⁸ Destaca-se aqui que o texto citado é de 1981 (com primeira edição publicada em 1975), de modo que, no trecho assinalado, faz referência à perspectiva do revisor como revisor de provas, tal como traz Pinto (O livro: manual de preparação e revisão, 1993) e foi discutido aqui.

⁶⁹ Quanto à significação de editor conforme se emprega em inglês, cabe citar a explicação de Araújo (*A construção do livro: princípios da técnica de editoração*, 2008, p. 38), que afirma, naquela língua, designar a "pessoa encarregada de produzir, dentro de determinados padrões literários e gráfico-estéticos, uma obra destinada à divulgação comercial. Nesse sentido, pelo menos, acha-se consignado o termo 'editor' numa obra publicada pela Unesco*: 'pessoa responsável pelo conteúdo ou pela preparação da publicação de um documento para o qual pode ou não ter contribuído'" *(Gernot Wersig & Ulrich Neveling (comps.), *Terminologie de la documentatin*. Paris, Unesco, 1976, s. v. 'Editor').

⁷⁰ HOUAISS, Preparação de originais II, 1981b, p. 67.

editoração. Aqui, tomamos como perspectiva aquela do revisor de textos com possibilidade de realizar múltiplas tarefas, quais sejam, as descritas nesta seção: preparação de originais, compreendendo o aprimoramento linguístico (gramatical e comunicativo) do texto e também a normalização⁷¹; revisão de provas, quando trabalha em cima de versões subsequentes do texto já diagramado, conferindo se as alterações foram realizadas e se a apresentação visual mantém-se adequada nas novas versões recebidas; até a atividade de copidesque, a depender da necessidade de maiores interferências no texto, chegando-se à reescrita de trechos.⁷²

Na atualidade, todas essas extensas possibilidades de atuação evidenciam-se, sobretudo, quando o revisor de textos é o único profissional contratado para a preparação de um texto a ser publicado. Essa realidade é percebida principalmente quando os contratos se dão por pessoas físicas que desejam publicar textos para as mais variadas finalidades, de pesquisas acadêmicas destinadas à obtenção de título (monografias, dissertações, teses) até textos produzidos para postagens em blogs ou redes sociais. Esse acúmulo de atividades do revisor de textos, portanto, parece ser consequência das diferentes demandas dos variados gêneros textuais produzidos a todo tempo nesta era da informação, muitas vezes sem que estejam bem-definidos os tratamentos esperados pelo contratante para os textos. Para Coelho Neto:

Certos clientes não sabem exatamente o que querem. Isso aumenta o poder de decisão do editor, quando não da gráfica, quando não do revisor. Publicações para as quais não há um norte (ausência de estilo definido, de projeto gráfico

⁷¹ Quanto a esse conceito, a explicação de Morissawa (A organização do trabalho do texto, 2008a, p. 10) se mostra abrangente, conforme pretendido aqui: "A normalização do texto compreende os acertos de estilo, vocabulário, paragrafação, ortografia, reduções, realce gráfico, notas e remissivas, bibliografia e indexação. Dentro dessa escala de acertos incorporam-se a pesquisa onomástica, estatística, a verificação de dados, etc."

⁷² É interessante, nesse sentido, citar também a perspectiva encontrada em artigo publicado por Sueli Maria Coelho e Leandra Batista Antunes (*Revisão textual: para além da revisão linguística*, 2010, p. 206): "Muitas pessoas desconhecem que a revisão linguística – esta que muitas vezes é entendida como referente a questões ortográficas e gramaticais – é apenas uma das modalidades de revisão de um texto. O trabalho do revisor congrega ainda pelo menos mais três tipos de revisão: i) revisão gráfica: trata das questões relacionadas com a apresentação e com a composição visual e material do texto; ii) revisão normalizadora: ajusta o texto às normas bibliográficas e editoriais; e iii) revisão temática: verifica a propriedade e a consistência das formulações de um texto em função de um determinado sistema de conhecimento determinado".

etc.) aumentam o poder decisório do revisor, que deve usar a sua experiência e o seu discernimento para conduzir o trabalho para um resultado que mostre a maior qualidade possível.

Essas regras pessoais do revisor não se devem pautar pela gratuidade. Ao se observarem algumas tendências do autor dentro do texto, o revisor deve agir como agente da homogeneização. Os poderes do revisor de sugerir ou interferir no texto – e até na diagramação –, apontando construções gramaticais malconcebidas, falta de clareza, de coerência etc., vão variar sempre de acordo com cada cliente e cada situação específica.⁷³

Apresentadas, então, as atividades possíveis para o revisor de textos na perspectiva aqui adotada, assume-se, ainda, que tanto mais desafiadoras são para aqueles profissionais que atuam de forma autônoma – seja por opção ou não. Assim, são comentadas a seguir algumas características do trabalho dos revisores de texto autônomos, que é a categoria específica de interesse para este estudo, antes de se partir para a análise dos dados pertinentes a Belo Horizonte.

O revisor de textos autônomo

A participação de colaboradores externos às editoras na produção de livros não é recente, sobretudo no mercado editorial de países desenvolvidos. Assim, em *Guia para a editoração de livros*, originalmente publicado em 1966,⁷⁴ já havia sido constatada na produção tipográfica no mercado americano, conforme apontado pelo autor da obra, Datus Smith Junior:

Alguns editores têm a maior parte de edição de texto feita por pessoas externas à editora, trabalhando em suas casas mediante algum tipo de remuneração. De certo modo este é um método atraente para um editor pequeno, porque torna possível contratar pessoas que tenham conhecimento especial ao tema do original em questão; e ele também evita a despesa de ter editores de texto na folha de pagamentos.⁷⁵

⁷³ COELHO NETO, *Além da revisão*: critérios para revisão textual, 2013, p. 106-107.

⁷⁴ Título original: A guide to book-publishing.

⁷⁵ SMITH JUNIOR, Editorando o original, 1990, p. 76.

Explica-se que, nas palavras do autor, “o trabalho de preparar o original para impressão é chamado de edição de texto”,⁷⁶ portanto, na citação, ao mencionar os colaboradores externos, refere-se à fase de preparação de originais. Adiante, o autor menciona que tal formato de prestação de serviços também ocorre na fase de revisão de provas:

Em países desenvolvidos, os editores tradicionalmente têm sido capazes de depender dos revisores de provas de impressores profissionalmente qualificados. Em anos recentes, entretanto, muitos impressores têm reduzido enormemente suas revisões de prova por interesses econômicos, e surge a necessidade correspondente para os editores de terem as provas examinadas por alguém da casa ou por um revisor *freelancer*.⁷⁷

Desse modo, fica claro que a dispensa de empregados revisores, tanto para a preparação quanto para a revisão de provas, tem motivação econômica, ou seja, o corte de gastos nas editoras. O autor, no entanto, defende a manutenção de profissionais internos ao afirmar que “parece melhor, se o editor pode fazê-lo, ter alguém encarregado da edição de texto realmente como premissa”,⁷⁸ uma vez que, na contratação de externos, tem-se “a desvantagem [...] de confiar o original a alguém sem contato com a organização da editora como um todo”.⁷⁹

No Brasil, a prática de contratação de profissionais externos também é evidenciada por Plínio Martins Filho⁸⁰ em *Livros, editoras e projetos*. Ao comentar sobre sua experiência na Editora Perspectiva, o autor diz que a infraestrutura era mínima, com apenas duas pessoas: ele, como produtor gráfico, e Jacó Guinsburg, como editor. Assim, afirma que, quando se tratava de obras traduzidas, contratavam profissionais “*free-lancers* em algumas preparações de texto e revisões de prova”,⁸¹ mas não somente nessa situação contavam com colaboradores externos: “*Com a racionalização do trabalho*, alguns

⁷⁶ SMITH JUNIOR, Editorando o original, 1990, p. 67.

⁷⁷ SMITH JUNIOR, Editorando o original, 1990, p. 77.

⁷⁸ SMITH JUNIOR, Editorando o original, 1990, p. 77.

⁷⁹ SMITH JUNIOR, Editorando o original, 1990, p. 76.

⁸⁰ MARTINS FILHO, A relação produtor/editor, 1999.

⁸¹ MARTINS FILHO, A relação produtor/editor, 1999, p. 52.

serviços são feitos por meio do sistema mão de obra *free-lancer*, uma vez que a Perspectiva *não possui revisores internos, pestapistas ou arte-finalistas*".⁸²

Da mesma forma como apresenta Datus Smith Jr.,⁸³ portanto, Martins Filho⁸⁴ justifica a contratação de *freelancers* pela necessidade de "racionalizar ao máximo" o trabalho. Neste caso, ressalta-se que este autor também se refere a uma editora que ainda trabalha com sistemas de composição (fotocomposição, linotipo e composição a frio na máquina *composer*, conforme o autor cita), demonstrando que a desvalorização dos profissionais responsáveis pela preparação/revisão também não é recente no Brasil. Segundo Coelho Neto, é

[...] comum nos defrontarmos com o desdém pela figura do revisor, expresso na falta de condições dignas de remuneração, na falta de condições mínimas de instrumentação, incluindo-se até o espaço físico, na pressão quanto a prazo, em função de atrasos de outrem. E desdém, muitas vezes, no ato de considerá-lo supérfluo ou não lhe conferir o devido valor.⁸⁵

Na realidade atual, é evidente que a informatização dos processos editoriais intensificou a fusão de tarefas para os profissionais do texto e alterou a forma de trabalho do revisor. Segundo Ribeiro,

No século XXI, diante da profusão de textos publicados em diversas mídias, parece, da mesma forma, haver campo para a atuação de bons profissionais de edição e de revisão de textos. A distinção entre as fases pré e pós-diagramação ficou menos evidente, a partir da possibilidade de intervenção no texto ainda só existente em arquivos digitais, lidos diretamente na tela do computador. No entanto, ainda é evidente a demanda pela padronização, pela "correção" com base em padrões preestabelecidos (por gramáticas, manuais, parâmetros predefinidos) ou pela adequação a determinado público.⁸⁶

⁸² MARTINS FILHO, A relação produtor/editor, 1999, p. 71. (grifo nosso).

⁸³ SMITH JUNIOR, Editorando o original, 1990.

⁸⁴ MARTINS FILHO, A relação produtor/editor, 1999.

⁸⁵ COELHO NETO, *Além da revisão*: critérios para revisão textual, 2013, p. 11.

⁸⁶ RIBEIRO, *Em busca do texto perfeito*: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual, 2016, p. 67-68.

Em artigo intitulado “Apontamentos sobre revisão textual: atribuições e conceituações”, Marina Ávila Birriel afirma que, desde 1980, quando surgiram os microcomputadores,

[...] nunca tantos recursos estiveram ao alcance das pessoas comuns para escrever e manipular textos. Todas essas modificações levaram a significativas mudanças no papel do revisor, a começar pela expansão de sua área de atuação. Quanto mais textos e mais edições, mais seu trabalho passou a ser requisitado.⁸⁷

Na sequência, a autora comenta sobre as variadas demandas de contratação de revisores de texto atualmente, destacando que, em relação às editoras, por exemplo, há desde as cartoneras, onde primam as produções artesanais,⁸⁸ até os grandes grupos editoriais. “Além disso, autores podem ser autodatas e pagar pela publicação de seus próprios livros. Sem contar as inúmeras possibilidades virtuais, como produção em blogs, sites, periódicos, e as produções independentes, como os zines, por exemplo”.⁸⁹

É nesse sentido que a demanda por profissionais revisores de texto autônomos se amplia para além das editoras. Assim, qualquer empresa ou pessoa física que preze pela qualidade de textos a serem publicados são potenciais contratantes de revisores de texto.⁹⁰ Sobre a importância e a qualificação exigida desse profissional, afirma Coelho Neto:

Revisão exige, como temos frisado, formação e habilidades específicas. Deixá-la de lado significa abdicar da qualidade. Perenizar erros e/ou incoerências não será profícuo em qualquer que seja o meio adotado para a perpetuação da produção literária, técnica, ou mesmo ocasional.⁹¹

⁸⁷ BIRRIEL, *Apontamentos sobre revisão textual: atribuições e conceituações*, 2015, p. 2.

⁸⁸ Sobre as editoras cartoneras, cita-se interessante matéria publicada em *O Globo* em 2016: “Editoras cartoneras driblam a crise com papelão e material reciclado”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editoras-cartoneras-driblam-crise-com-papelao-material-reciclado-18927990>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

⁸⁹ BIRRIEL, *Apontamentos sobre revisão textual: atribuições e conceituações*, 2015, p. 2.

⁹⁰ Sobre as oportunidades de atuação do revisor de textos, cita-se também o exemplo trazido por Sandra Rocha Ribeiro (*A profissão do revisor de texto: suas leis e seu lugar na sociedade*, 2015, p. 5): “Com a propagação do ensino a distância (EaD), esse nicho tem se tornado uma opção de trabalho atraente para o revisor de texto”.

⁹¹ COELHO NETO, *Além da revisão: critérios para revisão textual*, 2013, p. 23.

Dessa forma, a expressão *revisor de textos autônomo* é utilizada aqui em oposição ao profissional que tem vínculo empregatício como revisor, designando, portanto, aqueles que prestam serviços de forma independente, habitual ou eventualmente, para pessoas físicas ou jurídicas. Destaca-se que esses profissionais são os responsáveis por determinar os valores cobrados e a própria carga horária de trabalho, negociando com os contratantes conforme lhes seja interessante.

Para além dos conhecimentos editoriais, linguísticos e de cultura geral, então, do revisor de textos autônomo são exigidas “habilidades interpessoais pouco expostas em manuais e guias”⁹² e, sobretudo, de gestão para que possa negociar diretamente com autores ou editores. Ademais, esse profissional precisa arcar com custos consideráveis para se instrumentalizar dos materiais necessários à sua atuação.

Como exemplos desses instrumentos [...] podem-se citar os dicionários de autores conceituados, como Houaiss e Aurélio, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – VOLP – lançado pela Academia Brasileira de Letras, as gramáticas normativas e os manuais de redação e revisão, parceiros constantes do profissional de revisão.⁹³

Somam-se a isso, duas questões que dificultam a busca desses profissionais por informações e dados que possam nortear sua atuação. A primeira é a ausência de órgão oficial que responda pelos revisores de texto como classe profissional;⁹⁴ o segundo ponto é a escassez de

⁹² RIBEIRO, *Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*, 2016, p. 17.

⁹³ GUEDES, *Revisão de textos: conceituação, o papel do revisor textual e perspectivas do profissional do texto*, 2013, p. 9.

⁹⁴ Ainda em fase de estruturação, há a incipiente Associação Brasileira de Revisores de Texto, que, conforme seu estatuto, “tem o objetivo geral de proteger, compreender e divulgar a atividade de revisão de textos”. “Com sede e domicílio na sala X do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), à Rua do Seminário, s/nº, na cidade de Mariana, MG”, tem site ainda em formulação, apesar de o estatuto estar datado de 2011. Disponível em: <<https://associacao-brasileira-de-revisor.webnode.com/estatuto/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

estudos na área, embora seja perceptível o esforço para aumentar tais publicações nos últimos anos.⁹⁵ Sobre isto, Birriel comenta:

Como fator agravante da situação atual do profissional revisor de textos está o fato de serem escassas as publicações (sobretudo científicas) a esse respeito, o que demonstra pouca atenção dos próprios revisores para com a conceituação de seu trabalho. Consequentemente, o revisor tem dificuldades de se formalizar e profissionalizar, uma vez que não se pode colocar no mercado um serviço em relação ao qual não há consistência.⁹⁶

Ao defender a regulamentação da profissão, Sandra Rocha Ribeiro afirma:

Se leis estabelecem direitos e deveres, somente a partir de uma lei própria a classe dos revisores de texto terá uma identidade própria. Assim, questões como o piso salarial, a carga horária e o número de caracteres por lauda, para cada tipo de texto e com seus respectivos valores, poderão ser estabelecidas – além da formação acadêmica necessária para a realização dessa atividade.⁹⁷

É nesse sentido que este estudo propõe descrever a realidade de atuação dos revisores de texto autônomos em Belo Horizonte, como forma de levantar dados que possam servir de norte para os profissionais prestadores de serviço nessa localidade. Nas seções seguintes, são apresentadas a metodologia adotada para essa descrição e a análise dos dados.

⁹⁵ Ao final desta pesquisa, encontra-se seção intitulada *Sugestões de leitura*, com indicações de obras que, apesar de não citadas neste estudo, também versam sobre a revisão de textos.

⁹⁶ BIRRIEL, *Apontamentos sobre revisão textual: atribuições e conceituações*, 2015, p. 5.

⁹⁷ RIBEIRO, *A profissão do revisor de texto: suas leis e seu lugar na sociedade*, 2015, p. 9.

A pesquisa de campo

Este estudo selecionou como objeto de análise os revisores de textos autônomos que prestam serviços em Belo Horizonte. A escolha pela cidade-alvo se deve ao fato de ser a localidade na qual a pesquisadora mais tem contato com profissionais da área, embora seja residente de cidade vizinha, pertencente à região metropolitana da capital mineira. Exatamente por entender que os serviços de revisão de textos prestados em Belo Horizonte não necessariamente são realizados por profissionais ali residentes, como no seu próprio caso, a pesquisadora considerou válidas as respostas de profissionais que confirmaram ter Belo Horizonte como local onde há demanda por seus serviços, ainda que raramente, ou que não sejam residentes na capital mineira.

Foi a frequente prestação de serviços de forma autônoma pela pesquisadora para essa cidade que a fez optar por limitar seu estudo a Belo Horizonte, na tentativa de esboçar a realidade profissional encontrada ali. Sempre lhe chamou a atenção a variação nos valores cobrados pelos serviços ou mesmo na forma de realizar os cálculos pelos revisores de textos autônomos, tendo a lauda, a página ou outra unidade como base, além das múltiplas tarefas que podem ser incluídas na contratação. Desse modo, a falta de fontes que possam servir de respaldo e parâmetro para a categoria autônoma de revisores de texto despertou na pesquisadora o interesse de levantar dados a fim de

oferecer um panorama aos profissionais, mesmo que limitado, focando aqueles que atendem a clientes da capital mineira.

Definiu-se, então, como objetivo desta fase do estudo descrever o perfil e o contexto profissional dos revisores de textos autônomos em Belo Horizonte. Para tanto, foi aplicado questionário eletrônico,⁹⁸ o qual se divulgou em grupos de discussão da rede social Facebook cuja temática era a revisão de textos⁹⁹ ou o mercado editorial. Ao longo do período em que a coleta de dados se realizou, de fevereiro a maio de 2018, alguns respondentes divulgaram espontaneamente o questionário a outros profissionais conhecidos, de modo que se pudesse alcançar maior número de participantes. Uma forma de assegurar a legitimidade dos dados foi solicitar que, obrigatoriamente, para se responder às questões, fosse informado por cada participante um e-mail válido, opção que é oferecida pelo Google Formulários,¹⁰⁰ ferramenta web escolhida para a elaboração do questionário. Assim, embora se preserve aqui o anonimato na divulgação dos resultados, cada participante se identificou ao informar seu endereço eletrônico de e-mail.

O questionário foi composto de 40 questões cuja resposta era obrigatória, majoritariamente objetivas, e uma questão optativa. Esta, especificamente, objetivou oportunizar ao respondente espaço para apresentar comentário geral sobre sua atuação na área ou mesmo sobre o questionário – reproduz-se aqui esta questão na íntegra: “Gostaria de deixar algum comentário sobre sua experiência como revisor de texto autônomo ou mesmo sobre este questionário? (Resposta opcional)”. As questões obrigatórias foram organizadas em 4 eixos temáticos: perfil; experiências anteriores na área e realidade

⁹⁸ Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc6mV2D2lpHp0JHjg7k70jJBEmhoT1rzPjnz4NEAlnnd7PhGA/closedform>>.

⁹⁹ Primeiramente, quando do projeto desta pesquisa, havia sido selecionado apenas um grupo dessa rede social, o qual se denominava “Revisão de Textos • BH”. Posteriormente, no decorrer da pesquisa, tal grupo teve o nome simplificado para “Revisão de textos”. Segundo a administradora do grupo, a mudança ocorreu para que se pudessem ampliar as discussões por meio da participação de profissionais brasileiros de diferentes localidades. O grupo pode ser acessado pelo seguinte link: <<https://www.facebook.com/groups/1660241467585642/?fref=ts>>. Além desse caso específico, decidiu-se posteriormente divulgar o link do questionário em outros grupos com a mesma temática e, também, no perfil pessoal da revisora, de modo que pudesse ser compartilhado por colegas de profissão.

¹⁰⁰ Disponível em: <<https://www.google.com/forms/about/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

32 . Perfil e contexto profissional de revisores de texto autônomos...

profissional atual; remuneração e negociação; avaliação da atividade e expectativas na área.

A exposição estatística das respostas coletadas, na seção seguinte, permite apresentar, além de dados objetivos, a percepção dos participantes sobre sua própria profissão e mesmo suas motivações e expectativas em relação ao mercado de trabalho atual. Portanto, são resultados de grande importância para que possam conhecer a dinâmica atual da prestação autônoma de serviços de revisão em Belo Horizonte.

Comparação com outros dados

Embora não tenham sido encontrados outros estudos que tivessem como objeto os revisores de texto autônomos, cabe destacar a monografia de Marcelo Bessa¹⁰¹ apresentada para o curso de especialização em Revisão de Textos da PUC-Minas, cujos dados posteriormente foram publicados em artigo científico na revista *Cadernos CesPuc*.¹⁰² O autor intitulou sua pesquisa: *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, limitando os dados à capital fluminense, cujo público, no entanto, não foram somente os profissionais autônomos, como aqui, mas todos aqueles que “trabalham com revisão de texto”. Segundo Bessa:

[...] é preciso admitir que, em meio a essa invisibilidade crônica dos profissionais do texto, os revisores são os que mais padecem dela, mesmo tendo função essencial na cadeia do processo editorial. Ou, quando são visíveis, aparecem por meio de clichês ou ideias preconcebidas, acompanhados, por vezes, da mais absoluta ignorância da sua real atividade. Conhecer quem são os revisores, qual é de fato seu ofício e como se fundamentam sua vida e prática profissional é, portanto, necessário e relevante.¹⁰³

¹⁰¹ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

¹⁰² BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2015.

¹⁰³ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014, p. 3.

Assim, visto que os objetivos desta pesquisa se aproximam dos de Bessa,¹⁰⁴ admitiu-se como oportuno que os dados compatíveis fossem comparados, tal qual é apresentado na análise da seção seguinte. Esse autor levantou informações de 156 respondentes, dos quais, “embora 73 (46,8%) [...] tenham relatado que a revisão de textos é sua ocupação principal, apenas 52 (33,3%) [disseram possuir] algum tipo de vínculo empregatício como revisor”.¹⁰⁵ Sendo assim, admite-se a possibilidade de que a maioria dos participantes da pesquisa desse autor tenha sido constituída por revisores autônomos e, apesar de as perguntas não terem focado essa característica, abarcaram também aspectos considerados aqui, o que justifica a comparação dos dados proposta.

Também foram utilizadas informações de órgãos oficiais para a análise de dados. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SJPMG) forneceu dados quanto à precificação dos serviços de revisão de textos, e baseou-se em categorias definidas pelo Sistema Nacional de Empregos (SINE) para os níveis profissionais em relação ao tempo de experiência (*treinee*, *júnior*, *pleno*, *sênior* e *máster*).

¹⁰⁴ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

¹⁰⁵ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014, p. 20. (grifo nosso).

Análise de dados: realidade profissional em Belo Horizonte

O questionário desta pesquisa foi respondido por 44 profissionais que atenderam ao critério de prestar serviços autônomos de revisão de textos para clientes, pessoas físicas ou jurídicas, de Belo Horizonte, Minas Gerais. As respostas de duas pessoas, uma residente de Curitiba e outra de Contagem-MG, foram eliminadas por não atenderem a esse critério. A seguir, apresenta-se a análise dos dados coletados, organizados em gráficos ou tabelas, conforme melhor visualização, a partir dos registros no Google Formulários, ferramenta utilizada para a elaboração do questionário.

Perfil

Quanto ao gênero, a grande maioria (38 – 86,4%)¹⁰⁶ dos respondentes desta pesquisa declarou-se do sexo feminino, contra 6 (13,6%) do sexo masculino. Bessa¹⁰⁷ encontrou resultado semelhante, com 81,4% de mulheres e 18,6% de homens.

Em relação à idade, a maioria dos respondentes apresentou-se em duas faixas etárias: de 25 a 29 anos (15 – 34%) e de 30 a 35 anos (13 – 29%). Nenhum dos respondentes disse ter mais de 60 anos. A Tabela 1 apresenta os dados detalhados:

¹⁰⁶ Adotou-se como padrão apresentar o número absoluto seguido do percentual na análise dos dados.

¹⁰⁷ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

Tabela 1 – Faixa etária dos respondentes

Faixa etária	Nº	%
Entre 18 e 24 anos	3	7%
Entre 25 e 29 anos	15	34%
Entre 30 e 35 anos	13	29%
Entre 35 e 40 anos	4	9%
Entre 41 e 50 anos	6	14%
Entre 51 e 60 anos	3	7%
Acima de 60 anos	0	0%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

De forma semelhante, os dados de Bessa¹⁰⁸ indicaram “uma inserção mais proeminente de jovens no mercado”, com total de 33,6% de profissionais com 25 a 35 anos, embora esse autor tenha registrado percentual significativo de idosos (acima de 60 anos), com 16,7% de participação (26 respondentes).

Todos os 44 respondentes deste estudo residem na região metropolitana de Belo Horizonte, nas seguintes cidades: Belo Horizonte (35), Contagem (3), Betim (2), Nova Lima (2), Esmeraldas (1) e Sabará (1). Do total, 33 responderam atender a clientes de Belo Horizonte “frequentemente”, e 11, “raramente”.

Quanto à escolaridade, todos apresentaram ter no mínimo¹⁰⁹ o Ensino Superior incompleto; isso indicou que a revisão de textos apresenta-se como área de oportunidade para graduandos iniciarem

¹⁰⁸ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014, p. 7.

¹⁰⁹ Embora não se tenha registrado participante com apenas o nível básico de escolarização, destaca-se que a inclusão das opções “Ensino Fundamental/Médio incompleto/completo” baseou-se em resultado obtido por Lemos (*A regulamentação da profissão de revisor de texto: uma medida social necessária*, 2014), que, tendo realizado enquete com 14 revisores, registrou um cuja escolaridade era o Ensino Fundamental completo. Segundo a autora, esse profissional apresentava 40 anos de experiência como revisor e não era a favor da regulamentação profissional do revisor de textos, temática que foi o foco de sua pesquisa.

atividade profissional. De forma semelhante aos resultados obtidos aqui, registrados na Tabela 2, Bessa¹¹⁰ encontrou maior participação de pessoas com Ensino Superior completo em sua pesquisa (36,5%), seguidas também por aquelas com especialização completa (26,9%), tal qual encontrado aqui. Do total, 27 (62%) respondentes desta pesquisa continuaram a trajetória acadêmica após a graduação, entre especialização, mestrado e doutorado.

Tabela 2 – Escolaridade dos respondentes

Escolaridade	Nº	%
Ensino Fundamental completo/incompleto	0	0%
Ensino Médio completo/incompleto	0	0%
Ensino Superior incompleto	3	7%
Ensino Superior completo	14	31%
Especialização incompleta	5	11%
Especialização completa	9	20%
Mestrado incompleto	2	5%
Mestrado completo	6	14%
Doutorado incompleto	3	7%
Doutorado completo	2	5%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Em relação à formação acadêmica, foi solicitado aos respondentes que informassem qual graduação concluíram, com detalhes sobre a modalidade (licenciatura ou bacharelado) e a habilitação (língua, ênfase etc.). Ressalta-se que as informações mostraram-se divergentes em comparação com a pergunta sobre escolaridade, pois, embora 3 respondentes tenham informado Ensino Superior incompleto, apenas 1

¹¹⁰ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

deles indicou ser desistente do curso de Letras; os demais responderam à pergunta – “Qual foi o curso de graduação que você concluiu?” – Como se fossem todos formados, não tendo sido possível identificar os demais 2 ainda graduandos. A Tabela 3 apresenta as respostas:

Tabela 3 – Cursos de graduação dos respondentes

Comunicação Social (4)	
Jornalismo ¹	3
Relações Públicas	1
Letras (33)	
Bacharelado em Edição	7
Bacharelado em Estudos Literários	2
Bacharelado em Tradução	2
Bacharelado em Língua Portuguesa	1
Bacharelado (não especificou)	1
Licenciatura em Língua Portuguesa ²	14
Outras especificações ³	4
Licenciatura e Bacharelado ⁴	2
Outros cursos (5)	
Administração Pública	1
Banco de Dados	1
Engenharia Ambiental e Sanitária	1
Direito ⁵	1
Pedagogia	1
Outras respostas (2)	
Incompleto: Bacharelado em Linguística	1
Doutorado em Linguística	1

¹ Um deles também formou-se em Letras – Português.

² Destes, também se formaram: 2 em Língua Inglesa, 1 em Francês, 1 em Espanhol

³ Letras - Português; Letras - Português / Espanhol e suas Literaturas; Letras/Português e Inglês; Letras.

⁴ Estes dois respondentes informaram ter concluído tanto o bacharelado quanto a licenciatura em Letras, mas não especificaram a ênfase dos cursos.

⁵ Afirmou estar cursando Letras atualmente.

Fonte: Pesquisa de campo.

Ficou clara a predominância da graduação em Letras, em seus diferentes cursos, com 33 dos respondentes (75%), além de ter sido a opção de segunda formação de um revisor formado em Direito e de outro bacharel em Jornalismo, além de, provavelmente, ser a formação de um participante que respondeu ter concluído o doutorado em Linguística, sem mencionar a graduação.¹¹¹ Os resultados de Bessa¹¹² também registraram predomínio de formados em Letras (56,4%), entretanto, houve maior participação de formados em Comunicação Social (40,4%) do que no presente estudo. É curioso, em ambas as pesquisas, o dado sobre revisores de textos com formação em outros cursos que não esses relacionados à linguagem; no caso desta pesquisa, há destaque para um profissional graduado em Engenharia Ambiental e Sanitária, curso das ciências exatas.¹¹³

Ainda em relação à formação acadêmica, os participantes foram questionados sobre há quanto tempo se graduaram. Do total, 3 disseram ainda ter a graduação em andamento ou incompleta. Os recém-formados corresponderam a 43% (19), 9 com menos de 2 anos de formado, e 10, entre 2 e 5 anos. Número expressivo informou ter se graduado entre 6 e 10 anos atrás, no total de 13 respondentes, a categoria que apresentou mais participantes (30%); e 9 (20%) disseram ser graduados há mais de 10 anos. Desse modo, pode-se dizer que esta pesquisa apresentou participação similar em número de respondentes

¹¹¹ Sobre a formação do revisor de textos em Minas Gerais, é interessante o artigo de Lourdes da Silva do Nascimento (2014) intitulado "Concepções e formação do profissional de revisão de textos em Minas Gerais".

¹¹² BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

¹¹³ As demais graduações registradas em Bessa (*Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014) foram: Ciências Sociais, Direito, Psicologia, Medicina Veterinária, Serviço Social, Pedagogia, Administração, Licenciatura em Matemática, Design Gráfico, Música Sacra, Tecnólogo em Cinema, Arquitetura, História.

recém-graduados (até 5 anos de formados – 19 respondentes) e graduados há mais de 6 anos (22 respondentes).

Em relação a disciplinas acadêmicas ou cursos livres sobre a temática de revisão de textos ou editoração, apenas 5 (11%) respondentes disseram não ter realizado nenhum estudo específico na área. Do total, 29 participantes cursaram disciplinas com a temática na graduação, entre os quais apenas 11 cursaram 3 ou mais. Para a elaboração dessa questão, tomaram-se como parâmetro as exigências de formação na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, cujos currículos dos cursos vigentes até 2018 determinavam que, para se graduar em determinada ênfase (Edição ou Estudos Linguísticos ou Estudos Literários), o aluno teria de concluir no mínimo 3 disciplinas da temática específica escolhida.

De todos os participantes, 11 (25%) foram aqueles que estudaram sobre revisão de textos ou editoração em cursos de curta duração (cursos livres), sendo que, destes, 5 declararam ter tido apenas essa fonte de estudos na área, conforme apresentado na Tabela 4. Nesse sentido, observa-se que cursos livres se mostraram como alternativa de formação para interessados na área, ou mesmo como aprofundamento/atualização para aqueles que tiveram disciplinas acadêmicas sobre editoração. Destaca-se o fato de apenas 2 participantes terem mencionado disciplinas da especialização, o que demonstrou que a área editorial não seria a de maior interesse para os 14 que declararam ter concluído ou estar cursando especialização.

Tabela 4 – Estudos acadêmicos ou em cursos livres sobre revisão/editoração de textos

Disciplinas específicas de revisão/editoração de textos	
Não cursou	5
1 ou 2 na graduação	16
3 ou mais na graduação	8
Na especialização	2
Na pós-graduação <i>stricto sensu</i> (mestrado/doutorado)	1
Cursos livres	5
1 ou 2 na graduação e cursos livres	2
3 ou mais na graduação e cursos livres	3
Na especialização, na pós-graduação <i>stricto sensu</i>	1
Na especialização, na pós-graduação <i>stricto sensu</i> e em cursos livres	1
Total	44

Os quatro últimos itens são respostas que incluíram mais de uma opção, entre graduação, especialização, mestrado/doutorado e cursos livres.
Fonte: Pesquisa de campo.

Admitindo-se que o conhecimento em outras línguas é um facilitador no trabalho do revisor de textos – que pode lidar, inclusive, com revisão de traduções –, os participantes desta pesquisa foram questionados sobre suas habilidades de leitura e de escrita em língua estrangeira. Era possível selecionar mais de uma língua e havia campo aberto para inserir outra língua que não houvesse sido mencionada na lista de opções. Surpreendeu o fato de 10 (23%) revisores declararem que não leem ou escrevem em outra língua. Por outro lado, 16 afirmaram ler/escrever em 2 línguas estrangeiras; 2, em 3 línguas; e 2, em 4. A Tabela 5 detalha as línguas citadas pelos respondentes.

Tabela 5 – Quantidade de respondentes que leem/escrevem em outras línguas

Língua estrangeira	Nº
Nenhuma	10
Espanhol	4
Inglês	9
Italiano	1
Espanhol, francês	1
Espanhol, inglês	9
Inglês, francês	5
Inglês, italiano	1
Espanhol, inglês, francês	2
Inglês, espanhol, francês, alemão	1
Inglês, espanhol, francês, árabe	1
Total	44

Fonte: Pesquisa de campo.

Experiências anteriores na área e realidade profissional atual

O segundo eixo temático do questionário focou o histórico profissional dos respondentes, visando descrever seu tempo de experiência na área. Buscou-se também compreender a situação atual dos profissionais, como a carga horária de dedicação aos serviços como revisor de textos autônomo e se esta atividade é realizada de forma exclusiva ou concomitantemente a outros trabalhos pelos participantes. Informações sobre as ferramentas utilizadas também foram pedidas, além de questões específicas sobre os segmentos e os formatos de textos atendidos, o local de realização dos trabalhos e o registro profissional como pessoa jurídica.

Tempo de experiência

Quanto ao tempo de experiência, é importante apresentar os níveis profissionais definidos pelo Sistema Nacional de Emprego (SINE),¹¹⁴ a saber: *trainee* (até 2 anos), *júnior* (2 a 4 anos), *pleno* (4 a 6 anos), *sênior* (6 a 8 anos) e *máster* (mais de 8 anos). Essas categorias são tomadas como base para a análise de dados aqui apresentada.

Em pergunta sobre experiências anteriores como empregado no cargo de revisor de textos, quase um terço dos participantes desta pesquisa declarou ter atuado apenas como revisor de textos autônomo (12 – 27%). Do total, 25 (57%) declararam já terem sido empregados na área de revisão, embora 22 destes tenham pouco tempo de experiência no cargo, no máximo 5 anos. Interessante é o fato de 5 respondentes afirmarem que revisavam textos quando empregados em cargos não relacionados à área editorial, e 2 exerciam essa função quando empregados nessa área, porém, em outro cargo que não de revisor de textos. A Tabela 6 detalha os resultados.

¹¹⁴ Disponível em: <<https://www.sine.com.br/media-salarial-para-revisor-de-texto>>. Acesso em: 6 jun. 2018. Neste link, há tabela sobre a remuneração dos revisores de texto empregados.

Tabela 6 – Experiência anterior como revisor de textos empregado

Resposta	Nº	%
Sempre atuei apenas como revisor de textos autônomo	12	27%
Fui revisor de textos empregado por até 2 anos	12	27%
Fui revisor de textos empregado por de 2 a 5 anos	10	23%
Não fui revisor de textos empregado, mas realizava revisão de textos quando empregado em um cargo que não era da área editorial	5	11%
Fui revisor de textos empregado por de 5 a 10 anos	2	5%
Não fui revisor de textos empregado, mas fui profissional empregado da área editorial e também exercia a função de revisor de textos	2	5%
Fui revisor de textos empregado por mais de 10 anos	1	2%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Na sequência, perguntou-se sobre o tempo de experiência como revisor de textos autônomo. Os dados estão registrados na Tabela 7.

Tabela 7 – Tempo de atuação como revisor de textos autônomo

Resposta	Nº	%
Menos de 1 ano	4	9%
Entre 1 e 2 anos	3	7%
Entre 3 e 5 anos	16	36%
Entre 6 e 10 anos	12	27%
Mais de 10 anos	9	21%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Quanto ao tempo de experiência como revisor de textos autônomo, o percentual de participantes com até 5 anos de atuação foi próximo ao dado sobre a experiência como revisor de texto empregado: 23 (52%). No entanto, 21 respondentes (48%) revelaram ter mais de seis anos de atuação na área como autônomo, podendo se enquadrar como no mínimo profissionais de nível sênior, entre os quais 9 (21% do total), com mais de 10 anos de experiência, seriam máster. Assim, é possível afirmar que a maioria dos respondentes dessa pesquisa não é de profissionais iniciantes (*trainee*) na prestação de serviços autônomos de revisão de textos.

Portanto, constatou-se que, de modo geral, os respondentes desta pesquisa têm mais tempo de experiência como autônomo do que como empregado no cargo de revisor de textos. Esse dado leva a supor que as oportunidades como autônomo são maiores que a oferta de emprego na área em Belo Horizonte.

Ainda quanto ao tempo de experiência, cruzaram-se tais dados com as informações sobre formação acadêmica, e cabe comentar um pouco sobre os revisores de texto desta pesquisa cuja formação não é nas áreas de Comunicação ou Letras. Excluído o profissional graduado em Banco de Dados, que possui entre 6 e 10 anos de experiência como revisor autônomo, os demais 4 graduados em área diversa afirmaram ter pouco tempo de experiência como revisor. Aquele formado em Pedagogia tem até 2 anos de experiência, enquanto os de formação em Engenharia Ambiental e Sanitária, Administração Pública e Direito (este, atual graduando de Letras) disseram ter experiência entre 3 e 5 anos como revisor autônomo.

Todos os 4 declararam ter exclusivamente experiência na área como autônomo, ou seja, nunca foram empregados como revisor de textos ou mesmo exerceram essa função em alguma experiência de emprego; o participante formado em Banco de Dados, por sua vez, respondeu que "realizava revisão de textos quando empregado em um cargo que não era da área editorial", mas também nunca foi empregado legalmente como revisor. Desse modo, a análise dos dados quanto à experiência e à formação acadêmica trazem indícios de que

os serviços autônomos de revisão de textos oportunizam a atuação de variados profissionais, algo que não parece ocorrer em empregos formais da área.

Realidade profissional atual

Apresentadas as informações quanto à experiência profissional em revisão de textos dos respondentes desta pesquisa, passa-se à descrição de sua realidade atual de trabalho. Em relação ao acúmulo dos serviços autônomos de revisão com outras atividades, 7 afirmaram também ser empregados como revisor, e outros 3 são empregados da área editorial em outro cargo, conforme é possível identificar na Tabela 8.

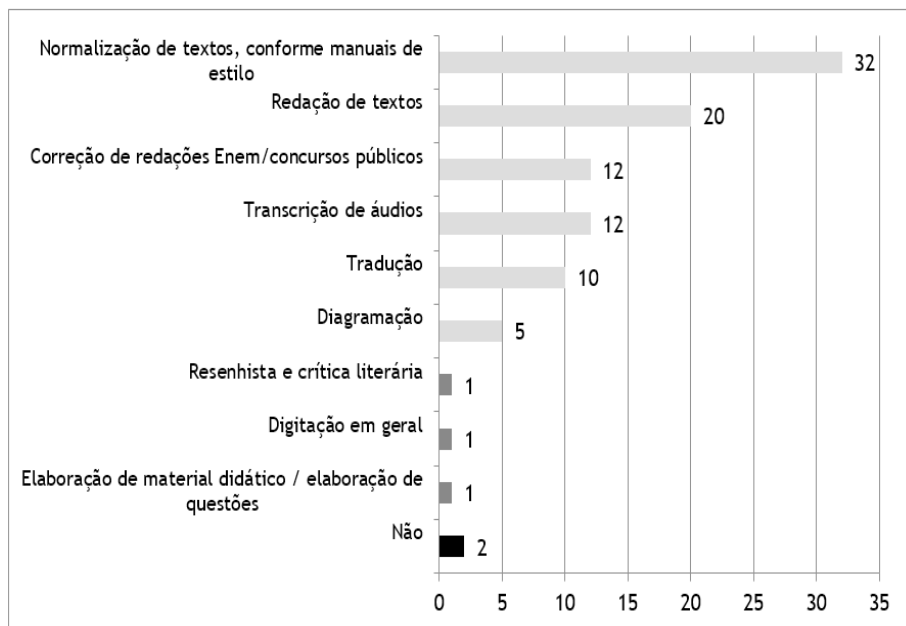
O mesmo número de empregados fora da área editorial (17 – 39%) também foi registrado entre os que trabalham exclusivamente como autônomos. Destes, 12 prestam serviços exclusivamente de revisão de textos como autônomo, enquanto 5 também oferecem outras atividades da área editorial.

Tabela 8 – Acúmulo do trabalho como revisor de textos autônomo com outras atividades

Resposta	Nº	%
Sou empregado, mas não da área editorial	17	39%
Não acumulo	12	27%
Sou empregado como revisor de textos	7	16%
Realizo outras atividades da área editorial como autônomo	5	11%
Sou empregado da área editorial, mas não como revisor de textos	3	7%
Total	44	100%

Foi apresentada aos respondentes uma lista de atividades afins à área editorial para que informassem se também as realizavam como autônomos, podendo ser selecionada mais de uma opção. Além disso, foi permitido que citassem outras atividades não listadas; estas estão assinaladas na cor mais escura no Gráfico 1 (resenhista e crítica literária; digitação em geral; elaboração de material didático/ elaboração de questões). Nesse aspecto, destacaram-se a normalização de textos, realizada por 32 (73%) dos respondentes, e a redação de textos, com 20 (45%). As atividades estão listadas em ordem crescente de menção no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Realização de outras atividades editoriais como autônomo



*Em cinza-escuro estão assinaladas as atividades acrescentadas pelos respondentes, ou seja, que não constavam entre as opções da questão.
 Fonte: Pesquisa de campo.

Quanto à carga horária semanal para realização de serviços de revisão de textos como autônomo, grande parte (19 – 43%) declarou

dedicar no máximo 5 horas a essa atividade, enquanto quase um terço (13 – 30%) informou dedicar entre 6 e 10 horas. Desse modo, apenas 12 (27%) respondentes dedicam mais de 10 horas à revisão de textos como autônomo, o que leva à conclusão de que essa atividade não é a principal para a maioria dos respondentes, seja pelo acúmulo com outras formas de trabalho, seja pela dedicação a outras atividades não laborais, como domésticas ou estudos.

Tabela 9 – Horas semanais de dedicação à revisão de textos como autônomo

Resposta	Nº	%
Até 5 horas semanais	19	43%
De 6 a 10 horas semanais	13	30%
De 11 a 20 horas semanais	5	11%
De 21 a 30 horas semanais	5	11%
Acima de 30 horas semanais	2	5%
Total	44	100%

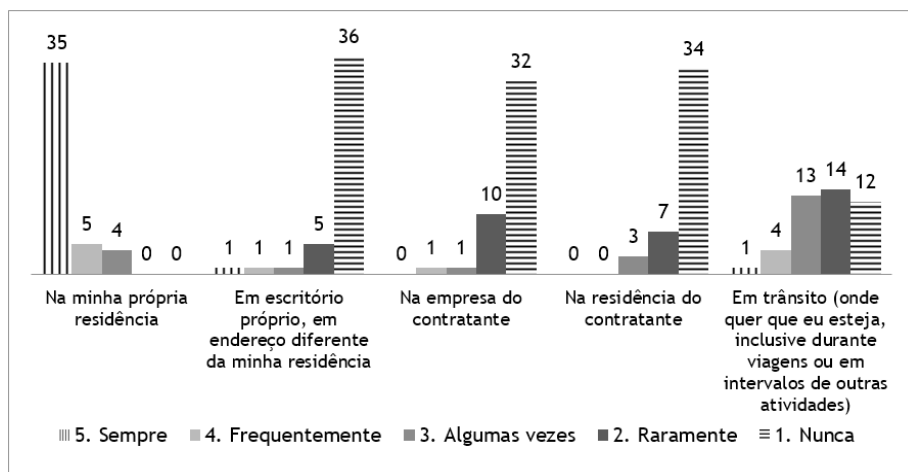
Fonte: Pesquisa de campo.

Sobre o local onde os respondentes realizam os serviços como revisor de textos autônomos, conforme mostra o Gráfico 2, destacou-se a própria residência, sendo o lugar onde 80% (35) sempre realizam essa atividade; outros 5 responderam que frequentemente a realizam em casa. A realização dessa atividade em trânsito, ou seja, em lugar não fixo, inclusive em intervalos de outras atividades ou em viagens, foi indicada como frequente por 4 respondentes, e outros 13 afirmaram trabalhar desse modo algumas vezes. Esse dado alerta sobre as condições de trabalho a que se submetem os revisores de texto autônomos, por vezes não desempenhando suas funções

em ambientes adequados à atividade laboral, que exige extrema concentração e atenção.

A maioria afirmou nunca prestar serviço autônomo de revisão em escritório próprio (36), na empresa (32) ou na residência do contratante (34). Isso indica que tais serviços são majoritariamente prestados de forma remota, podendo o contato com o contratante se dar somente à distância mesmo para a negociação.

Gráfico 2 – Local onde realiza a prestação de serviços



Fonte: Pesquisa de campo.

Em relação aos formatos dos textos recebidos para que seja feita a revisão, predominam os arquivos digitais de programas editores de texto (Microsoft Office Word e outros), com 36 (82%) respondentes afirmando receber sempre (22) ou frequentemente (14) textos nessa configuração. Em segundo lugar, aparecem textos em PDF (em inglês, *Portable Document Format* – Formato Portátil de Documento), que geralmente já passaram pelo tratamento gráfico, recebidos com alta frequência (sempre/frequentemente) por 15 (34%) dos respondentes e, algumas vezes, por 12 (27%). Destacam-se ainda, com frequência

mediana, textos impressos e em corpo de e-mail, conforme apresenta a Tabela 10.

Entre os formatos listados, os com frequência mais baixa, indicados como nunca recebidos pela maioria dos respondentes, são os arquivos de software de tipografia avançada (com formatação realizada por meio de programação, como o software *TeX*), textos do programa Bloco de Notas, arquivos de softwares de design gráfico (Photoshop, Illustrator, InDesign etc.), manuscritos e textos em aplicativos de mensagens instantâneas, embora todos esses tenham se apresentado como possibilidades de formato para o trabalho do revisor, uma vez que houve registro de sua ocorrência mesmo que raramente. Destaca-se, portanto, a exigência de habilidades do revisor de textos em conhecimentos de informática no que tange à manipulação de textos digitais em diferentes softwares.

Tabela 10 – Frequência de prestação de serviços segundo formato de texto

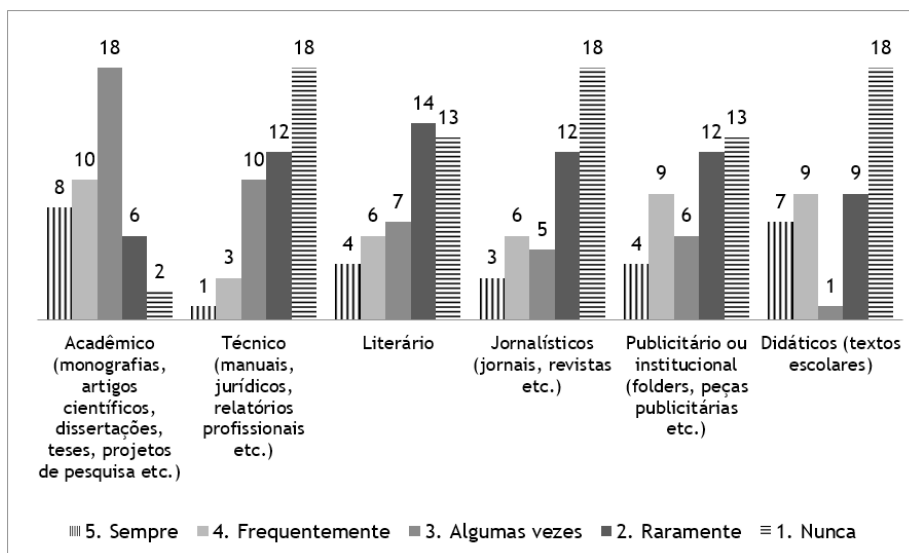
Formato de texto	Sempre	Frequentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
Manuscritos	1	3	5	7	28	44
Textos impressos (páginas impressas)	4	5	12	15	8	44
Arquivos de editores de texto (Microsoft Office Word, BR Office, etc.)	22	14	6	1	1	44
Arquivos em PDF	5	10	12	7	10	44
Arquivos de softwares de design gráfico (Photoshop, Illustrator, etc.)	0	5	7	4	28	44
Arquivos de softwares de tipografia avançada/programação (TeX, LaTeX)	0	0	2	1	41	44
Bloco de notas do Windows/Linux	0	0	4	3	37	44
Textos em corpo de e-mail	1	6	11	17	9	44
Textos em aplicativos de mensagens instantâneas (WhatsApp, Messenger etc.)	2	4	3	12	23	44

Fonte: Pesquisa de campo.

Também foi questionada a frequência com que os revisores autônomos trabalham com textos de diferentes segmentos. Houve destaque para os acadêmicos (monografias, artigos científicos, dissertações, teses, projetos de pesquisa), pois apenas 2 revisores declararam nunca revisar textos dessa espécie. Na sequência, os didáticos aparecem com alta frequência (sempre/frequentemente) para grande parte dos respondentes (16 – 36%), seguidos dos

textos publicitários ou institucionais (13 – 30%). Os textos literários e jornalísticos, nessa ordem, são revisados com menos frequência, mas em torno de 20% dos participantes disseram tê-los como os mais recorrentes em seus serviços de revisão como autônomo. O segmento menos atendido pelos revisores desta pesquisa é o dos textos técnicos, como manuais e relatórios profissionais, conforme o Gráfico 3.

Gráfico 3 – Frequência de prestação de serviços por segmento de texto



Fonte: Pesquisa de campo.

Em relação ao tipo de contratante, confirmou-se a maior frequência (sempre/frequentemente) de pessoas físicas interessadas na revisão de textos acadêmicos (21 – 48%). Na sequência, aparecem pessoas físicas para revisão de textos literários e agências de publicidade e de produção de conteúdo, nessa ordem, como as demandas mais frequentes para aproximadamente 20% dos respondentes. Entre as demandas de editoras, são mais frequentes aquelas de livros literários, entretanto, destaca-se que, de modo geral, os serviços dos revisores de texto autônomos desta pesquisa são mais procurados por pessoas

físicas do que por editoras, empresas ou periódicos acadêmicos. Agências de publicidade e produção de conteúdo, por sua vez, têm demanda significativamente frequente, conforme apresenta a Tabela 11.

Tabela 11 – Frequência de prestação de serviços por tipo de contratante (continua)

Tipo de contratação	Sempre	Frequen- temente	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
Editoras de livros literários	4	3	6	5	26	44
Editoras de livros técnico-acadêmicos	4	1	4	5	30	44
Editoras de livros didáticos, escolares	0	4	4	5	31	44
Empresas, para revisão de publicação comercial/marketing (site, textos de redes sociais etc.)	2	2	16	9	15	44
Periódicos acadêmicos	2	3	8	8	23	44
Agências de publicidade e de produção de conteúdo	5	4	9	5	21	44
Pessoa física, para revisão de textos literários (romances, contos,	5	5	9	10	15	44

Tabela 11 – Frequência de prestação de serviços por tipo de contratante (conclusão)

Pessoa física, para revisão de textos acadêmicos (monografias, dissertações, teses, artigos acadêmicos)	11	10	17	4	2	44
Pessoa física, para revisão de textos pessoais de divulgação (blogs, currículo etc.)	4	3	13	12	12	44

Fonte: Pesquisa de campo.

Os recursos utilizados pelos revisores para a execução de seu trabalho também foram avaliados. Houve grande destaque para os dicionários digitais/online, usados com alta frequência (sempre/frequentemente) por 98% (43) dos respondentes, ao passo que os dicionários impressos têm alta frequência de uso apenas para 39% (17) dos participantes. Ainda em relação aos dicionários, em ordem de frequência de uso, aparecem os de regência (nominal e verbal), os de língua estrangeira e, por último, os analógicos. Mais respondentes pesquisam com frequência dúvidas na internet do que consultam gramáticas da língua portuguesa ou manuais de estilo.

Quanto à ajuda de outros profissionais para esclarecimento de dúvidas, grande parte dos respondentes (20 – 45%) recorre a outros revisores de texto com alta frequência (sempre/frequentemente), e aproximadamente um terço (13) procura especialistas na temática abordada nos textos trabalhados. Em relação à metodologia para a marcação das alterações, a maioria dos respondentes, entre 60% e 65%, utilizam com alta frequência as ferramentas de controle de

alterações e de inserção de comentários dos programas editores de texto (como Microsoft Office Word), assim como marcação manual (com grifos, diferentes cores de fonte etc.). Pouquíssimos participantes (2 ou 3) disseram nunca utilizar estes últimos recursos, deixando a entender que não realizam a marcação das alterações.

Tabela 12 – Frequência de utilização de ferramentas/recursos auxiliares (Continua)

Recurso	Sempre	Frequentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
Dicionários impressos	7	10	9	10	8	44
Dicionários digitais/online	30	13	1	0	0	44
Dicionários técnicos (médicos, jurídicos etc.)	2	9	14	9	10	44
Dicionários de regência	15	10	11	4	5	45
Dicionários analógicos	5	5	8	8	18	44
Dicionários de línguas estrangeiras	6	12	9	9	8	44
Gramáticas da língua portuguesa	17	8	12	4	3	44
Manuais de estilo	14	9	8	6	7	44
Pesquisa em sites da internet	25	11	7	1	0	44

Tabela 12 – Frequência de utilização de ferramentas/recursos auxiliares (Conclusão)

Recurso	Sempre	Frequente-mente	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
Consulta a outros revisores de texto para tirar dúvidas	10	10	14	6	4	44
Consulta a especialistas na temática	3	10	13	10	8	44
Ferramenta de controle de alterações do Word (ou de outro software)	19	9	7	6	3	44
Comentários do Word (ou de outro software)	16	13	10	3	2	44
Marcação manual nas alterações (destaque, cor, grifo, etc.)	13	14	13	2	2	44

Fonte: Pesquisa de campo.

Interessou, enfim, quanto à realidade dos revisores de textos autônomos, saber se haviam se registrado como pessoa jurídica para a prestação desse serviço. Predominaram, com 68% (30), os respondentes que não possuem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), seguidos daqueles que têm registro como Microempreendedor Individual (MEI) (12 – 27%). Uma das respondentes afirmou ser sócia de uma microempresa e, por último, outro declarou “ter CNPJ de uma empresa inativa antiga, o que impede o registro como MEI”.

Entre as justificativas dos 30 participantes que não têm registro de CNPJ, 10 declararam saber quais são os procedimentos, mas não se interessaram devido à burocracia para realizá-los; 4 disseram não saber como efetivar tal cadastro; 6 preferiram não apresentar justificativa; 4 afirmaram ter baixa demanda, não sendo necessário o registro, em sua visão; 3 declararam não ter interesse em registrar as rendas como autônomo; 1 disse já ter tido CNPJ, mas que não era vantajoso; outra afirmou que, por ser funcionária pública, não lhe é permitido o registro como pessoa jurídica; e outro disse receber

benefícios governamentais (seguro-desemprego, bolsa família) que seriam suspensos caso se registrasse como pessoa jurídica. Nesse sentido, é importante destacar que, mesmo aos que não têm registro como pessoa jurídica, “a contribuição previdenciária de pessoa física que recebe rendimento de trabalho é obrigatória, conforme disposição do inciso V do Art. 12 da Lei 8.212/1991”,¹¹⁵ do contrário, é possível afirmar que se mantêm na informalidade.

Como a emissão de Nota Fiscal (NF) de prestação de serviços é por vezes exigida na contratação de revisores de texto autônomos, os respondentes foram também questionados sobre esse procedimento. Do total, a maioria afirmou não emitir NF (24 – 55%), mas destes 6 disseram frequentemente receber por Recibo de Pagamento Autônomo (RPA), sendo-lhes descontada a tributação pertinente aos serviços prestados. Outros 2 disseram que não gostariam de responder à questão. Os que emitem NF pelo próprio CNPJ são 11, enquanto outros 7 solicitam a emissão por “terceiros” quando lhe é exigida NF, prática que se pode considerar irregular.

Todas essas questões no que tange aos tributos e à contribuição previdenciária deixam evidente que aos revisores de textos, sobretudo os autônomos, cabe buscar auxílio jurídico e contábil para garantir seus direitos e para que não ignorem seus deveres como trabalhadores – como o pagamento de impostos pela prestação de serviços. Essa é mais uma dificuldade agravada pela falta de órgão de representação que possa responder pelos revisores de texto, notadamente os autônomos, que ficam à mercê de fontes nem sempre seguras de orientação.

Remuneração e negociação

Quanto à remuneração pelos serviços autônomos como revisor de textos, apenas 12 (27%) dos respondentes afirmaram que representa parte significativa de seu rendimento mensal (acima de 30%), sendo para 6 (14%) a única fonte de renda, conforme apresenta a Tabela 13.

¹¹⁵ Disponível em: <<http://www.brasilcontabil.com.br/pessoafisica/profissional-liberal-e-autonomo.pdf>>.

Tabela 13 – Participação dos rendimentos advindos dos serviços de revisão de textos como autônomo na renda mensal

Resposta	Nº	%
Todo o rendimento mensal	6	14%
Representam grande parte de meu rendimento mensal (acima de 50%)	4	9%
Representam parte mediana de meu rendimento mensal (entre 30% e 50%)	2	4%
Representam pequena parte de meu rendimento mensal (até 30%)	10	23%
Não considero esses rendimentos na renda mensal, por serem eventuais	22	50%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Chamou a atenção o fato de metade dos respondentes (22) não considerar os valores recebidos por tal serviço como componente da renda mensal, uma vez que essa atividade é realizada eventualmente, de modo que não há regularidade na remuneração. Esses dados confirmam que grande parte dos participantes desta pesquisa não tem nos serviços de revisão de textos sua principal atividade laboral.

Em relação aos ganhos dos profissionais por essa atividade, quase metade (20 – 45%) declarou receber até R\$500 reais mensais, conforme apresenta a Tabela 14, a seguir. O cruzamento de dados dessa questão com a anterior permitiu perceber que esses participantes são a maioria daqueles que não consideram tais valores na renda mensal ou disseram que esses representam pequena parte (até 30%) dos seus rendimentos. Houve, porém, um revisor com ganhos de até R\$ 300 mensais que disse ser esta a sua única fonte de renda; este profissional cursa mestrado atualmente, de modo que o serviço autônomo de

revisão de textos parece ser alternativa de trabalho compatível com os estudos.

Tabela 14 – Média mensal de ganhos como revisor de textos autônomo

Resposta	Nº	%
Até R\$ 300 mensais	11	25%
Entre R\$ 300 e R\$ 500 mensais	9	20%
Entre R\$ 500 e R\$ 1000 mensais	10	23%
Entre R\$ 1000 e R\$ 3000 mensais	11	25%
Entre R\$ 3000 e R\$ 5000 mensais	3	7%
Mais de R\$ 5000 mensais	0	0%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Dos outros 5 participantes que têm na revisão de textos como autônomo sua única fonte de renda, 4 recebem entre R\$1.000 e R\$3.000, e o outro, entre R\$3.000 e R\$5.000 mensais (este afirmou dedicar mais de 30 horas semanais à atividade). Um quarto (11 – 25%) dos respondentes recebe entre R\$1.000 e R\$3.000 mensais com essa atividade, entre os quais apenas 3 informaram não considerar os valores entre os rendimentos mensais por serem eventuais. Os dados, então, revelam que, para os participantes desta pesquisa de modo geral, a partir de R\$1.000 referentes a essa atividade, tais rendimentos são considerados parte significativa (mais de 30%) da renda mensal. Por fim, nenhum dos participantes afirmou receber mais de R\$5.000 com o serviço autônomo de revisão.

O cruzamento das informações entre carga horária semanal dedicada à revisão de textos (Tabela 9) e os rendimentos mensais dos participantes demonstrou que não há exatamente proporcionalidade entre esses dados, ou seja, nem sempre a carga horária menor

implica menor rendimento e vice-versa. Assim, entre os que recebem por volta de R\$1.000 e R\$3.000 (11 – 25%), 3 disseram ter carga horária de até 5 horas semanais para essa atividade; 2, entre 6 e 10 horas; 5, entre 21 e 30 horas; e 1 acima de 30 horas (nenhum deles afirmou ter carga horária entre 11 e 20 horas para essa faixa de rendimentos). Os dados daqueles que recebem entre R\$3.000 e R\$5.000 também evidenciam que não há exatamente essa proporção: 1 tem dedicação de 6 a 10 horas semanais à atividade de revisar textos como autônomo; outro, de 11 a 20 horas; e o outro, acima de 30 horas (conforme já mencionado).

Nesse sentido, cabe analisar o tempo médio para a realização de um exemplo de demanda apresentado para os participantes da pesquisa. Foi solicitado que respondessem em quantos dias, aproximadamente, concluiriam a revisão de um texto em arquivo Word (fonte 12, espaçamento entre linhas 1,5) com 50 páginas completas de texto (sem imagens, gráficos e tabelas), considerando ser esta a sua única demanda para o período e que a normalização seria realizada por outro profissional – não foi especificado o segmento do texto (acadêmico, técnico, jornalístico, didático etc.). Os resultados são mostrados na Tabela 15.

Tabela 15 – Tempo médio para atendimento a um exemplo de demanda: revisão de 50 páginas completas de texto digital (sem imagens)

Resposta	Nº	%
1 dia	6	14%
2 a 5 dias	30	68%
5 a 10 dias	7	16%
10 a 15 dias	0	0%
15 a 20 dias	0	0%
mais de 20 dias	1	2%
Total	44	100%

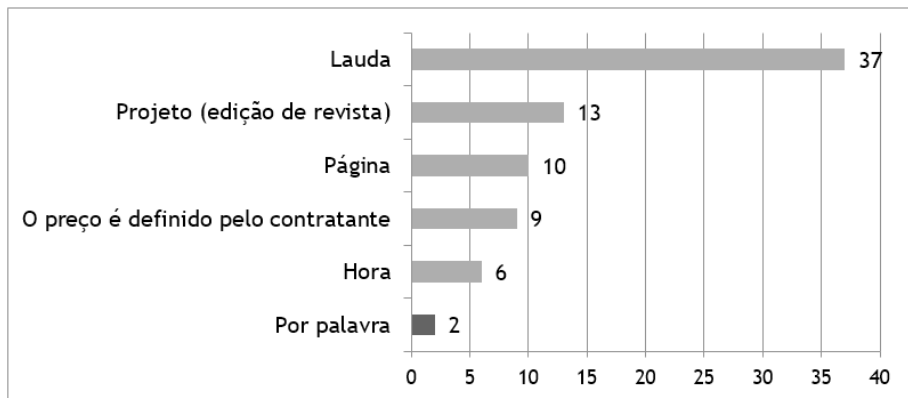
Fonte: Pesquisa de campo.

Os dados acima mostram que a variação de tempo para a realização da demanda exemplificada não é acentuada, uma vez que quase 70% dos respondentes indicaram o mesmo tempo médio: de 2 a 5 dias. Entre os que disseram precisar de apenas um dia para a demanda em questão (6 – 14%), apenas 2 não acumulam a atividade de revisor autônomo com outras; já quanto aos que disseram precisar do prazo entre 5 e 10 dias (7 – 16%), nenhum atua exclusivamente como revisor de textos autônomo, havendo acúmulo de atividades. Os dados levam à compreensão de que há significativa semelhança entre os ritmos de trabalho dos revisores, de modo que a variação nas remunerações seria justificada por outros fatores. É nesse sentido que se parte à análise da precificação.

Como são variadas as unidades usadas como base para a precificação, foi solicitado que os revisores indicassem aquelas usadas em suas negociações. Era permitido assinalar mais de uma opção, e havia espaço para inserção de outra categoria que não tivesse sido apresentada na lista. No Gráfico 4 é possível ver os resultados por ordem de mais citados; a cobrança por palavras, indicada em cinza-

escuro no gráfico, foi acrescentada por dois respondentes, um dos quais afirmou ser essa a unidade-base de cobrança no caso de textos curtos.

Gráfico 4 – Unidades usadas como base de cálculo para a precificação



*Em cinza-escuro opção acrescentada pelos respondentes, ou seja, que não constavam entre as opções da questão.

Fonte: Pesquisa de campo.

A pergunta seguinte questionou sobre os valores cobrados para cada uma das unidades mencionadas anteriormente. Tratou-se de questão discursiva, e foi pedido aos respondentes que descrevessem também a caracterização das unidades, como lauda de quantos caracteres com ou sem espaço. Do total, apenas 3 disseram negociar caso a caso, não apresentando valores médios da negociação. Apenas 1 informou o valor cobrado por hora, R\$50, embora 6 respondentes tenham dito utilizar essa unidade para a precificação. Somente 4 informaram valores cobrados por página; desses, 3 cobram entre R\$4,50 e R\$7,50; o outro cobra de R\$10 a R\$15 por página a depender “do tipo de documento”, embora não tenha apresentado mais detalhes sobre este critério. Houve ainda um participante que disse cobrar por bilhete escolar a ser revisado o valor de R\$0,25, e outro informou que recebe R\$1,50 por revisão de slide do Microsoft Power Point,

independentemente da quantidade de caracteres, valor que afirmou ter sido definido por um contratante específico. Um dos respondentes apresentou valores bastante discrepantes dos demais apresentados, R\$65,00 a lauda ou R\$40,00 a página, mas não apresentou detalhes sobre essas unidades de medida ou informou se esses valores são praticados para os serviços de revisão juntamente com outro.

Quanto às laudas, apareceram com variados números de caracteres. Entre aqueles que não especificaram qual medida consideraram que seja uma lauda (6), os valores variaram de R\$4 a R\$12. Um único respondente utiliza a medida de 1.600 caracteres com espaço para cada lauda, por cuja revisão cobra entre R\$6 e R\$9. A medida de 1.800 caracteres com espaço foi informada também por apenas 1 respondente, que diferencia os valores cobrados para pessoa física (R\$14 a lauda) e pessoa jurídica (R\$8,50 a lauda). As variações de lauda mais citadas foram as seguintes: 1.200 ou 1.250 caracteres sem espaço, citada 14 vezes; 1.400 caracteres (com e sem espaço), citada 7 vezes; e 2.100 caracteres com espaço, citada 7 vezes. Em relação a estas últimas, o Quadro 1 resume as respostas:

Quadro 1 – Resumo dos tipos de lauda mais citados e valores cobrados

1200/1250 caracteres sem espaço (14)	1400 caracteres (7)	2100 caracteres com espaço (7)
R\$ 8 a R\$ 11 (10)	Com espaço: R\$ 5 a R\$ 8 (3)	R\$ 5 a R\$ 10 (5)
R\$ 5 a 7 (1)*	Sem espaço: R\$ 6 a R\$ 12 (3)	HQ antes do balonamento: R\$ 8 (1)
R\$ 13 (1)*	Não especificou se considera os caracteres com ou sem espaço: R\$ 7 (1)	R\$ 12 revisão + normalização (1)
*Apresentados separadamente por divergirem dos demais preços informados para esse tipo de lauda.		
R\$ 14 em Word; R\$ 18 em PDF (1)		
R\$ 7 apenas revisão, R\$ 5 apenas ABNT, R\$ 10 ambos os serviços (1)		

Fonte: Pesquisa de campo.

No geral, portanto, o valor cobrado por lauda varia, entre a maioria dos respondentes desta pesquisa, de R\$5 a R\$12 reais. Nesse sentido, vale a comparação com os dados de Bessa¹¹⁶ sobre as práticas de preço por revisores de texto no Rio de Janeiro. Os valores mais citados nesse estudo foram as faixas de "R\$2,01 a R\$5,00 e de R\$5,01 a R\$8,00, que, somadas, correspondem aos preços pedidos por 75 entrevistados (48,1%)".¹¹⁷ É importante lembrar que os dados desse pesquisador são de 2014, de forma que provavelmente devem ter passado por atualização. De modo semelhante, então, chama a atenção a grande variação de preços praticados em ambas as cidades.

¹¹⁶ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

¹¹⁷ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014, p. 23.

Os valores informados pelos respondentes desta pesquisa estão consideravelmente abaixo daqueles sugeridos pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SJPMG), único órgão local encontrado que apresenta especificações de valor para os serviços *freelancer* de revisão de textos. O SJPMG traz a seguinte referência de preços:

Lauda de 1.400 caracteres com espaços: R\$20,32. Para saber o preço da revisão por página, multiplique este valor por: 10, para standard; 5, para tabloide; 3, para revista; 1,5, para cartilha (A5). Esses fatores de multiplicação contemplam o número médio de laudas por página com fotos ou com ilustrações.¹¹⁸

Tal discrepância também encontrou Bessa¹¹⁹ ao comparar a precificação identificada em sua pesquisa com as referências do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro vigentes à época. A diferença entre os valores sugeridos pelo órgão e os levantados pelo autor foi ainda maior, considerando-se a predominância das faixas de R\$2,01 a R\$5,00 e de R\$5,01 a R\$8,00 indicadas por esse pesquisador para a cidade do Rio de Janeiro:

De acordo com tabela em vigor desde 1º de fevereiro de 2013, o preço da lauda de 1,4 mil caracteres é R\$35,00. Caso a matéria seja técnico-científica, em língua estrangeira ou com tabelas ou gráficos, há acréscimo de 100% sobre o preço-base. Para copidesque,¹²⁰ o preço é ainda mais elevado: R\$55,00 por lauda.¹²¹

Essas informações evidenciam a desvalorização geral do revisor de texto autônomo, uma vez que tanto em Belo Horizonte como no Rio

¹¹⁸ Disponível em: <<http://www.sjpmg.org.br/tabelas-de-frilas/>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

¹¹⁹ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

¹²⁰ Segundo o órgão, "Entende-se por copidesque a verificação de erros de ortografia, digitação e estrutura gramatical (arrumação de texto)".

¹²¹ BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014, p. 25.

Os valores atuais do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro são: R\$ 48,00 para revisão e R\$ 75,00 para copidesque para cada 1.400 caracteres (não há especificação sobre essa medida considerar ou não os espaços). Esses dados estão vigentes desde 1º de fevereiro de 2017, ou seja, houve aumento de aproximadamente 37% dos valores no período de 4 anos. Disponível em: <http://jornalistas.org.br/2012/wp-content/uploads/2017/01/2017_Revisao.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

de Janeiro, de acordo com Bessa,¹²² não são praticados no mercado os valores sugeridos pelos órgãos que apresentam referência local de preço para esses serviços. Além disso, destaca-se a desvalorização dos profissionais de Belo Horizonte na comparação com os do Rio de Janeiro ante os preços ideais indicados pelos respectivos sindicatos.

Ainda quanto à negociação, foi solicitado aos revisores desta pesquisa que indicassem realizar ou não algumas práticas listadas, para descrição mais detalhada sobre as variações na precificação. Conforme consta na Tabela 16, a seguir, para a maioria dos respondentes, destacaram-se como fatores que aumentam o valor cobrado pelo serviço: complexidade do texto (27 – 61%); curtos prazos (35 – 80%); solicitação de outros serviços editoriais (normalização, diagramação) (32 – 73%). Por sua vez, fatores que diminuem o valor cobrado pela maioria dos participantes são: relação social ou parentesco com o contratante (28 – 63%); grande volume de textos na contratação (23 – 52%). Nenhum dos respondentes assinalou a opção “o preço é invariável”.

¹²² BESSA, *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*, 2014.

Tabela 16 – Fatores que influenciam a precificação

Descrição	Nº	%
Quanto mais complexo for o texto, mais alto é o preço	27	61%
Quanto menor o prazo, mais alto é o preço	35	80%
Se for(em) necessário(s) também outro(s) serviço(s) editorial(is) (diagramação, normalização etc.), o preço é mais alto	32	73%
Se o cliente for de grande porte, aumento o preço	6	14%
Se o cliente for de grande porte, diminuo o preço	2	5%
Se eu tiver certa relação social (parentesco, amizade, etc.) com o contratante, diminuo o preço	28	64%
Se o volume de trabalho for muito grande, aumento o preço por unidade cobrada	7	16%
Se o volume de trabalho for muito grande, diminuo o preço por unidade cobrada	23	52%
O preço é invariável	0	0,00%
“Fecho com alguns clientes de acordo com a verba que eles têm disponível.”*	1	2,27%

*O último item está descrição acrescentada por respondente, ou seja, que não constava entre as opções da questão.

Fonte: Pesquisa de campo.

Houve pergunta também sobre as formas de pagamento negociadas, conforme apresentado na Tabela 17. Nesse sentido, cabe comentar o grande número de respondentes que recebe o total do valor negociado apenas após a entrega dos textos revisados (20 – 45%), desse modo assumem o risco de concluir o serviço e acabar não recebendo por ele – principalmente se não houver contrato formal ou emissão de nota fiscal –, fato muitas vezes denunciado por profissionais em grupos de redes sociais sobre revisão de textos ou mercado editorial. Outro dado expõe que somente 2 respondentes cobram separadamente pela revisão da versão final do texto, ou seja,

após os contratantes aceitarem ou não as alterações sugeridas e solucionarem as pendências indicadas.

Tabela 17 – Algumas práticas na negociação quanto à forma de pagamento

Prática	Nº	%
Recebo parte do valor pelo serviço assim que acordada a negociação e o restante após enviar todos os arquivos revisados	29	66%
Recebo todo o valor negociado somente após entregar os arquivos revisados	20	45%
Ofereço descontos para pagamentos à vista	14	32%
Divido o pagamento em parcelas mensais	12	27%
Ofereço como bônus a revisão de trechos do arquivo (pré-textuais, pós-textuais, legendas etc.)	10	23%
Cobro separadamente pela revisão da versão final do texto (já diagramado ou após o contratante avaliar as alterações propostas na revisão, aceitando-as ou não; nessa revisão, verifica-se se os problemas apontados pelo revisor foram solucionados pelo contratante para publicação dos textos)	2	5%
Recebo todo o valor negociado assim que é firmada a contratação dos serviços (antes de entregar os arquivos revisados)	1	2%
"Há pouco tempo adquiri máquina de cartão e pretendo usá-la para receber pagamento de trabalhos como revisora".*	1	2%

*Descrição acrescentada por respondente, ou seja, que não constava entre as opções da questão.

Fonte: Pesquisa de campo.

Finalmente, sobre as formas de divulgação do trabalho dos revisores de texto autônomos, destaca-se que a maioria dos respondentes (23 – 52%) disse não realizar divulgação, atendendo apenas à indicações. Entre os que divulgam esse trabalho, houve destaque para as seguintes práticas – a pergunta permitia selecionar mais de uma opção: pelas redes sociais (16 – 36%); por sites de divulgação de vagas e currículos e, também, por cartões de visita e panfletos, ambas as categorias indicadas por 10 respondentes (23%); além de envio de e-mails para clientes em potencial (7 – 16%).

Avaliação da atividade e expectativas na área

No último eixo temático do questionário, buscou-se descrever a perspectiva dos profissionais em relação à atividade de revisar textos. A intenção foi levar os respondentes a pensarem sobre sua própria atuação e perceberem, por meio dos dados, o nível de satisfação desses profissionais.

Na primeira questão, pediu-se que selecionassem a principal motivação para terem escolhido a área de revisão de textos para sua atuação profissional, de forma autônoma ou não – podia-se assinalar somente uma opção. Grande parte (13 – 30%) respondeu que é revisor atualmente por ter iniciado a carreira como estagiário de revisão de textos. Na sequência, as maiores motivações foram o interesse/curiosidade/gosto pela área editorial e a possibilidade de trabalho flexível (*home-officer, freelancer*), ambos indicados por 7 (16%) revisores, como mostra a Tabela 18.

Tabela 18 – Principal motivo para iniciar a carreira de revisor de textos em geral

Descrição	Nº	%
Iniciei minha carreira na área como estagiário de revisão de textos	13	30%
Interesse/curiosidade/gosto pela área editorial	7	16%
Possibilidade de trabalho flexível (home-office, freelancer)	7	16%
Surgimento de oferta de trabalho à época	5	11%
Fascínio pela língua portuguesa	5	11%
Formação em cursos específicos da área editorial (graduação ou outro)	4	9%
Complementação do salário	2	5%
Falta de opção profissional naquele momento	1	2%
Atividade após a aposentadoria	0	0%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Especificamente quanto a ser profissional autônomo de revisão de textos atualmente, grande parte dos respondentes declarou ter escolhido essa atividade pela compatibilidade com a atividade profissional principal (20 – 45%). Desse modo, conforme outros dados sugeriram, pode-se afirmar que quase a metade dos participantes desta pesquisa tem a atividade autônoma de revisar textos como secundária em termos profissionais. Houve destaque também para aqueles que a escolheram pela compatibilidade com estudos ou tarefas domésticas/familiares, ambas as opções indicadas por 6 respondentes (14%) cada, o que comprova que revisar textos como autônomo também é alternativa para aqueles que vivem um momento de dedicação a outras áreas sociais que não o trabalho.

Tabela 19 – Principal motivo para ser revisor de textos autônomo

Descrição	Nº	%
Compatibilidade com a atividade profissional principal	20	45%
Compatibilidade com atividades domésticas/familiares	6	14%
Compatibilidade com estudos	6	14%
Não consegui emprego na área	5	11%
Interesse em ter o próprio negócio	4	9%
Oportunidade de atuação após aposentar	0	0%
“Complemento de renda”*	1	2%
“Gosto de revisar, é compatível com minha atividade principal e como ensino sobre isso, não quero abandonar a atividade prática. Acho importante estar sempre no mercado.”*	1	2%
“Trabalhava em editora até alguns meses atrás e fui demitida, mas em Belo Horizonte não há muitas oportunidades em empresas para pessoas não graduadas, mesmo com experiência e competência comprovadas (ou comprováveis).”*	1	2%
Total	44	100%

*Descrições acrescentadas por respondentes, ou seja, que não constavam entre as opções da questão.

Fonte: Pesquisa de campo.

Os respondentes também foram questionados sobre a sua preparação para a atuação como revisor de textos. Deveriam selecionar, primeiramente, todas as opções consideradas importantes para a sua preparação, e os resultados foram os seguintes: formação acadêmica (38 – 86%); autoaprendizagem/experiência (37 – 84%); leitura de livros e outras obras sobre o assunto (27 – 61%); cursos/palestras/eventos sobre a área editorial (26 – 59%); instrução de revisor mais experiente (24 – 55%); estágio (18 – 41%).

Ao se solicitar a indicação de apenas um desses fatores, considerado o principal entre todos, prevaleceram também a formação acadêmica (17 – 39%) e a autoaprendizagem/experiência (13 – 30%),

não tendo sido escolhida por nenhum respondente a leitura de livros e outras obras sobre o assunto. Os dados evidenciam, então, a percepção dos respondentes de que a prática/experiência é realmente o que mais prepara o revisor para sua atuação profissional. Já a não escolha da leitura de livros e outras obras como fator principal de preparação pode se explicar, conforme já discutido, pela escassez de estudos sobre essa atividade, embora recentemente se perceba relativo aumento de publicações sobre a área.

Aos respondentes foi pedido, ainda, que avaliassem alguns aspectos sobre a própria atuação e também sobre a atividade de revisão em geral, conforme apresentado na Tabela 20. Do total, 32 (73%) declararam se considerar especializados na área de revisão de textos, mesma quantidade dos que afirmaram ser capacitados para auxiliar/instruir outros profissionais iniciantes nessa atividade. Desse modo, conclui-se que a maioria dos respondentes se considera experiente e bem-preparada para sua atuação profissional como revisor de textos autônomo. Os dados são apresentados na Tabela 20.

Tabela 20 – Avaliação sobre alguns aspectos da atividade de revisão de textos (continua)

Descrição	Discordo	Não sei opinar	Concordo	Total
Considero-me profissional especializado na área de revisão de textos.	6	6	32	44
Considero-me profissional capacitado para auxiliar/instruir outros profissionais iniciantes na área de revisão de textos.	5	7	32	44
Realizo revisões de textos apenas para ganhar renda extra, pois não é minha atividade principal nem desejo que seja.	27	6	11	44
Gostaria de me dedicar exclusivamente à revisão de textos como autônomo em minha vida profissional.	21	14	9	44
Considero a remuneração do revisor de textos com vínculo empregatício maior que a do revisor autônomo para um mesmo volume de trabalho.	21	20	3	44
Acredito que ter conhecimentos sólidos sobre a temática/área (conteúdo) do texto a ser revisado facilita o trabalho de revisão de textos.	4	2	38	44
Praticar atividades culturais, como ir ao cinema, ao teatro e a apresentações de música, ler jornais e revistas frequentemente, contribui para a formação do revisor de textos.	1	5	38	44
O conhecimento linguístico/gramatical é mais importante que o conhecimento de mundo (enciclopédico ou geral) para a atuação como revisor de textos.	23	13	8	44

Tabela 20 – Avaliação sobre alguns aspectos da atividade de revisão de textos (conclusão)

Descrição	Discordo	Não sei opinar	Concordo	Total
Os diferentes segmentos textuais (literário, jornalístico, acadêmico, didático etc.) exigem diferentes práticas de revisão de textos.	0	1	43	44
Devido à minha atividade profissional com textos, raramente consigo realizar leituras unicamente por prazer.	22	6	16	44

Fonte: Pesquisa de campo.

A maioria (38 – 86%) concordou que ter conhecimentos sólidos sobre a temática dos textos a serem revisados facilita os trabalhos, assim como o mesmo número de respondentes concordou que a prática frequente de atividades culturais também contribui para a formação de bons revisores de texto. Também nesse sentido, mais da metade (23 – 53%) discordou que o conhecimento linguístico/gramatical é mais importante que o conhecimento de mundo (enciclopédico ou geral) para a atuação como revisor de textos, o que leva à interpretação de que os participantes não têm a visão do revisor limitado a interferências gramaticais, mas ampliadas ao conteúdo informativo e comunicativo dos textos.

Cabe ainda destacar a comparação entre a remuneração de revisor empregado e autônomo. Grande parte dos respondentes (21 – 48%) disse discordar de que a remuneração como empregado seja maior do que aquela como revisor autônomo para o mesmo volume de trabalho, ou seja, denunciam a desvalorização desse profissional com vínculo empregatício, de modo que acreditam ser possível ter maiores rendimentos caso a prestação de serviços ocorra de forma autônoma.

Buscou-se descrever, também, alguns aspectos do relacionamento dos revisores autônomos com os contratantes e com parceiros revisores em sua atuação profissional. De forma positiva, aparece o dado de que, com alta frequência (sempre/freqüentemente),

os contratantes acham justo o preço cobrado pelos serviços (29 – 66%) e realizam o pagamento no prazo acordado (38 – 86%). Constatou-se também que é baixa a frequência (raramente/nunca) com que os contratantes recusam as sugestões de alteração dos revisores (35 – 80%), o que indica que há alto nível de confiança na relação entre revisor e contratante.

Os dados mostram que a prática de realizar parcerias com outros revisores para o atendimento às demandas não é frequente. Assim, tanto o compartilhamento de trabalhos em que cada revisor se responsabiliza por uma parte do texto quanto a parceria para que o texto seja revisado mais de uma vez, mas por diferentes profissionais, são práticas realizadas por poucos dos respondentes, indicando que a atividade de revisão de textos como autônomo é majoritariamente solitária. Outros aspectos que foram questionados estão descritos na Tabela 21.

Tabela 21 – Algumas considerações sobre o relacionamento com contratantes e com parceiros revisores de texto (continua)

Descrição	Sempre	Frequentemente	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
Se o prazo para o trabalho não for hábil, recuso a proposta.	9	13	17	5	0	44
Recebo os pagamentos no prazo acordado com os contratantes.	4	34	5	1	0	44
Os contratantes acham justo o preço pelo serviço.	9	20	13	2	0	44
Compartilho o trabalho de revisão com outros profissionais como forma de garantir a qualidade do serviço, de modo que um mesmo texto seja revisado mais de uma vez, cada uma por um profissional.	3	0	6	14	21	44

Tabela 21 – Algumas considerações sobre o relacionamento com contratantes e com parceiros revisores de texto (conclusão)

Descrição	Sempre	Frequente-mente	Algumas vezes	Raramente	Nunca	Total
Envio orçamento, mas o contratante não contrata o serviço.	0	5	22	14	3	44
Indico as alterações (recebem destaque) realizadas por mim no texto original para avaliação (aceitação ou não) do autor.	24	11	8	1	0	44
Também realizo a revisão das versões finais dos textos para os quais meus serviços são contratados.	17	11	9	4	3	44
Os contratantes recusam minhas sugestões de alteração.	0	1	8	29	6	44
Os contratantes dos serviços de revisão entram em contato para esclarecer dúvidas pessoais de gramática, mesmo que não sejam pertinentes a textos para os quais meus serviços foram contratados.	5	4	9	12	14	44
Compartilho o trabalho de revisão de um mesmo texto com outros profissionais para que possamos atender aos prazos (cada um fica responsável pela revisão de uma parte do texto).	2	1	7	8	26	44

Fonte: Pesquisa de campo.

Por fim, quanto à avaliação de sua atividade, os revisores foram questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas em sua atuação profissional. Destacaram-se os prazos exíguos (35 – 80%) e os

baixos preços cobrados por profissionais concorrentes, desvalorizando a atividade (34 – 77%), dificuldades assinaladas por mais de 70% dos respondentes. Os demais resultados encontram-se na Tabela 22.

Tabela 22 – Principais dificuldades do trabalho como revisor de textos autônomo (continua)

Descrição	Nº	%
Prazos exíguos para realizar o trabalho	35	80%
Baixos preços cobrados por muitos profissionais de revisão de textos (concorrência)	34	77%
Pouco conhecimento do real trabalho de revisão pelo contratante	30	68%
Baixa remuneração	29	66%
Dificuldade em conquistar espaço (demanda considerável) no mercado de trabalho	28	64%
Pouca valorização/respeito profissional	25	57%
Dificuldade do próprio revisor em definir o preço a ser cobrado pelo serviço	23	52%
Não existência de sindicato ou associação de profissionais revisores de texto	23	52%
Eventualidade dos serviços	21	48%
Limitação física e mental para trabalhar muitas horas por dia com revisão de textos	21	48%
Péssima qualidade dos textos recebidos para revisão	20	45%
Pouca oferta de cursos de formação/atualização/aperfeiçoamento para a área	19	43%
Dificuldade de separar tarefas profissionais e domésticas por não ter rotina fixa de trabalho	11	25%
Poucas publicações/pesquisas sobre a área editorial/de revisão de textos	9	20%
Isolamento profissional	6	14%

Tabela 22 – Principais dificuldades do trabalho como revisor de textos autônomo (conclusão)

Descrição	Nº	%
Desorganização da agenda de trabalho	3	7%

Fonte: Pesquisa de campo.

Como último aspecto avaliado, os respondentes foram questionados sobre sua expectativa em relação às atividades de revisão de textos como autônomo para os próximos 5 anos. O objetivo foi perceber as metas desses profissionais em relação à sua atuação na área.

Do total, apenas 6 (14%) respondentes disseram não ter interesse em continuar prestando serviços de revisão como autônomo no prazo de 5 anos, com destaque para 3 que disseram ter como meta conseguir emprego ou prestação de outros serviços na área editorial. Assim, a maioria deseja manter-se atuante como revisor autônomo (35 – 80%), embora não pretenda ter essa como sua única atividade profissional, conforme apresenta a Tabela 23.

Tabela 23 – Desejo de continuar atuando como revisor de textos autônomo nos próximos 5 anos

Resposta	Nº	%
Sim, conciliando com meu emprego atual/futuro ou com a prestação de outros serviços	35	80%
Não, se eu conseguir um emprego ou prestação de outros serviços na área editorial	3	7%
Sim, tornando/mantendo os trabalhos de revisão como autônomo minha fonte única/principal de renda	3	7%
Não, se eu conseguir um emprego ou prestação de serviços em outra área que não a editorial	2	4%
Não se eu conseguir um emprego como revisor de textos	1	2%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

A maioria (26 – 59%) dos respondentes declarou que deseja, nos próximos 5 anos, aumentar sua demanda pelos serviços de revisão como autônomo. Outros 10 (23%) querem manter a demanda atual, conforme apresenta a Tabela 24.

Tabela 24 – Perspectiva quanto à demanda como revisor de textos autônomo para os próximos 5 anos

Resposta	Nº	%
Gostaria de aumentar consideravelmente a demanda que tenho hoje	15	34%
Gostaria de aumentar um pouco a demanda que tenho hoje	11	25%
Quero manter a demanda que tenho hoje	10	23%
Gostaria de diminuir um pouco a demanda que tenho hoje	4	9%
Não pretendo continuar revisando textos como autônomo daqui a 5 anos	4	9%
Gostaria de diminuir consideravelmente a demanda que tenho hoje	0	0%
Total	44	100%

Fonte: Pesquisa de campo.

Esses dados, somados aos demais, permitem concluir que, apesar das dificuldades relatadas, no geral há satisfação da maioria dos respondentes em prestar serviço autônomo de revisão de textos em Belo Horizonte, ainda que não seja a intenção de grande parte assumi-lo como atividade profissional exclusiva, mas em concomitância com outra principal, preferencialmente da área editorial.

Considerações Finais

Um dos maiores incentivos para que, finalmente, o desejo de pesquisar o revisor de textos atuante em Belo Horizonte se concretizasse neste registro de pesquisa foi a manifestação positiva dos participantes quanto à proposta apresentada no questionário elaborado para a pesquisa de campo. Na pergunta optativa destinada a suas considerações de forma livre, os respondentes elogiaram as questões, e muitos se manifestaram esperançosos de que os resultados pudessem contribuir para o reconhecimento da profissão. Outros, por sua vez, utilizaram o espaço para desabafar sobre a desvalorização e as dificuldades encontradas em sua atuação. Com os dados em mãos, assumiu-se a responsabilidade de divulgá-los, o que se tornou possível com esta publicação.

Tudo isso foi interpretado como uma forma de diálogo em prol da discussão sobre o reconhecimento do profissional revisor de textos, sobretudo pensando-se no autônomo, que atua majoritariamente de forma solitária. Desse profissional são exigidas, além das habilidades pertinentes à sua atividade técnica – como domínio linguístico, compreensão das peculiaridades comunicativas dos diferentes gêneros textuais, noções sólidas de informática para edição de textos digitais, largo conhecimento cultural etc. –, competências de gestão, uma vez que é responsável por negociar diretamente com os contratantes e por angariar oportunidades de trabalho por meio de divulgação de suas atividades.

Quanto às atribuições técnicas, a análise de obras de referência na área de Edição tornou possível a apresentação das diferentes funções

que pode assumir o revisor de textos, muitas vezes subestimado a mero corretor gramatical. Além disso, mostrou-se como a atuação desses profissionais como autônomos pode ser justificada tanto pelos cortes de gastos das editoras/empresas, que dispensam cargos efetivos de revisão de textos para a contratação de colaboradores externos a custos mais baixos, como pelas novas práticas textuais diversas que despontam na era da informação, levando à produção das mais variadas publicações para as quais se busca o aprimoramento textual por meio do serviço de revisores autônomos. Notadamente nesses casos, muitas vezes o revisor é o único profissional do texto contratado para a preparação antes da publicação, o que acarreta o acúmulo de tarefas que exigem as mais diversas habilidades.

Voltando-se à pesquisa de campo, o intuito foi apresentar a realidade prática da atividade profissional dos revisores autônomos em Belo Horizonte. Com dados sobre formação acadêmica, frequência de trabalhos de acordo com os segmentos de texto (jornalístico, acadêmico, literário etc.), carga horária média de dedicação à atividade, precificação adotada para os serviços, práticas consideradas na negociação, considerações sobre o relacionamento com os contratantes, entre outros, buscou-se descrever os atuais parâmetros concernentes à atividade dos revisores autônomos em Belo Horizonte para que sirvam de ferramenta para esses profissionais pensarem sua atividade.

Buscou-se, portanto, contribuir para os estudos na área de edição a partir de pesquisa que proporcionasse um espaço de fala para o profissional revisor de textos, que vive no anonimato sem representação de órgão oficial que possa responder pela atividade. Nesse sentido, a reação positiva dos participantes ao aceitarem fornecer informações tão detalhadas sobre seu labor por si só comprova quão grande é a busca para que, enfim, possam ser valorizados pelo trabalho árduo e fundamental que desempenham.

Referências

- ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- AREZIO, Arthur. Revisão de provas tipográficas. Bahia: Imprensa Oficial, 1925 *apud* COELHO NETO, Além da revisão: critérios para revisão textual, 2013.
- BESSA, Marcelo. *Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro*. Monografia (Especialização em Revisão de Textos) – Diretoria de Ensino a Distância, PUC Minas, Minas Gerais, 2014.
- BESSA, Marcelo. Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de texto no município do Rio de Janeiro. *Cadernos CesPuc*: Séries Ensaio, Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, n. 26, p. 71-103, 1º sem. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/11450>>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- BIRRIEL, Marina Ávila. Apontamentos sobre revisão textual: atribuições e conceituações. In: *SEMANA de extensão, pesquisa e pós-graduação* – SEPesq, 11., Porto Alegre. Comunicações... Porto Alegre: Uniritter, 2015. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/1124/1386.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- COELHO NETO, Aristides. *Além da revisão*: critérios para revisão textual. 3. ed. rev. e amp. Brasília: Editora Senac-DF, 2013.
- COELHO, Sueli Maria; ANTUNES, Leandra Batista. *Revisão textual*: para além da revisão linguística. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 205-224, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4361>>. Acesso em: 29 mar. 2016.
- DAECTO, Marisa Midori. Prefácio. In: MARTINS FILHO. *Manual de editoração e estilo*. Campinas: Editora Unicamp; São Paulo: Editora da USP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 11-13.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GUEDES, Leticia Figueiredo. *Revisão de textos*: conceituação, o papel do revisor textual e perspectivas do profissional do texto. 2013. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Portugêses) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<https://bdm.unb>

br/handle/10483/7265>. Acesso em: 25 abr. 2018.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Reimpressão fac-similar. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983 [1967].

HOUAISS, Antônio. Preparação de originais I. In: MAGALHÃES, Aluisio et al. *Editoração hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1981a [1975]. p. 49-64.

HOUAISS, Antônio. Preparação de originais II. In: MAGALHÃES, Aluisio et al. *Editoração hoje*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1981b [1975]. p. 65-74.

LEMONS, Mayara Espíndola. *A regulamentação da profissão de revisor de textos: uma medida social necessária*. Cenários, Porto Alegre, n. 9, p. 139-151, 1. sem. 2014. Disponível em: <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/view/869/552>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

MARTINS FILHO, Plínio. A relação produtor/editor. In: FERREIRA, Jerusa Pires et al. *Livros, editoras e projetos*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial: Com Arte; São Bernardo do Campo: Bartira, 1999 [1997]. p. 47-78.

MARTINS FILHO, Plínio. *Manual de editoração e estilo*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora USP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

MARTINS FILHO, Plínio; ROLLEMBERG, Marcello. A preparação de textos; Revisão de provas. In: MARTINS FILHO, Plínio; ROLLEMBERG, Marcello. *Edusp: um projeto editorial*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001. p. 85-88; 89-90.

MORISSAWA, Mitsue. A organização do trabalho do texto. In: QUEIROZ, Sônia (Org.). *Editoração: arte e técnica*. 2. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008a. p. 8-11. (Cadernos Viva Voz).

NASCIMENTO, Lourdes da Silva do. Concepções e formação do profissional de revisão de textos em Minas Gerais. *Caletroscópio*, Mariana-MG: Universidade Federal de Ouro Preto, v. 2, n. 3, p. 87-120, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.caletroscopio.ufop.br/index.php/caletroscopio/article/view/44/32>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

PINTO, Ildete Oliveira. *O livro: manual de preparação e revisão*. São Paulo: Ática, 1993.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Glossário de termos de edição e tradução*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. (Cadernos Viva Voz).

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. Copidesque. In: RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário essencial de comunicação*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014. p. 59.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Em busca do texto perfeito: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual*. Divinópolis-MG: Artigo A, 2016.

RIBEIRO, Sandra Rocha. *A profissão do revisor de texto: suas leis e seu lugar na sociedade*. Revele, Belo Horizonte, n. 9, p. 52-62, out. 2015.

ROCHA, Harrison da. *Um novo paradigma de revisão de texto: discurso, gênero e multimodalidade*. 2012. 246 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012.

SMITH JUNIOR, D. C. Editorando o original. In: SMITH JUNIOR, D. C. *Guia para editoração de livros*.

84 . Perfil e contexto profissional de revisores de texto autônomos...

Sugestões de leitura

CASCAO, Luiz Antonio Fernandes. *Ideias de negócios: como montar um serviço de revisão de textos.* (Online). SEBRAE. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/appportal/reports.do?metodo=runReportWEM&nomeRelatorio=ideiaNegocio&COD_IDEIA=6a487a51b9105410VgnVCM1000003b74010a_____>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CAVALCANTE, Marina Pereira. *Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos.* 2011. 72 f. Monografia (Bacharelado em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1941/1/2011_MarinaPereiraCavalcante.pdf>. Acesso em: 8 maio 2018.

COSTA, Roger Vinícius da Silva; RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio; PENA, Daniela Paula Alves. Dificuldades no trabalho do revisor de textos: possíveis contribuições da linguística. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CIEFIL, v. 17, n. 51, Suplemento, p. 53-74, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/51supl/05.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

DEJAVITE, F.; MARTINS, P. C. O revisor de texto no jornal impresso diário e seu papel na sociedade da informação. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS*, v. 2, n. 13, 2006. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/649>. Acesso em: 8 fev. 2015.

HERMONT, A. B. Educação a distância: como revisar os materiais didáticos. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 179-194, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4359/4504>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

LEITE, Délia Ribeiro; MAGALHÃES, José Olímpio de. A proficiência de revisores de textos profissionais em uma tarefa de detecção de erros. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 225-249, jan./jun., 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/16845/11533>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

MARQUES, Tiago Albuquerque. *Contributos para o desenvolvimento de um manual do revisor de texto.* Projeto de mestrado em consultoria e revisão linguística. Lisboa (Portugal): Universidade Nova de Lisboa, 2014. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/13622>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

QUEIROZ, Sônia (Org.). *Editoração: arte e técnica.* 2. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. p. 18-21. (Cadernos Viva Voz)

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S237p Santos, Náisa Gécida Alves.
Perfil e contexto profissional de revisores de textos autônomos de Belo Horizonte / Náisa Gécida Alves Santos. – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG, 2020.
85 p.: il. – (Viva Voz)

Inclui referências.

ISBN: 978-65-87237-01-15 (digital)

ISBN: 978-65-87337-00-8 (impresso)

1. Editores e edição – Belo Horizonte. 2. Editoração. 3. Originais – Revisão. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. II. Título. III. Série.

CDD : 070.5

Publicações Viva Voz de interesse para a área de estudos literários

Imagens em discurso

Nabil Araújo(Org.)

Criadores e criaturas na literatura

Julio Jeha (Org.)

Lyslei Nascimento (Org.)

Mario de Andrade e os trabalhadores:

Antônio Augusto Moreira de Faria (Org.)

Denise dos Santos Gonçalves (Org.)

Maria Juliana Horta Soares (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.